DIARIO DE PERNAMBUCO
CLÉRISTON
MINHA VERDADE
SOBRE A DITADURA
EM 64 CHARGES
...ESSA VIDA
SOCIAL
ME CANSA!
CLÉRISTON
CADA QUAL
COM SUA CRÔNICA

Dedico este livro ao jornalista Nagib Jorge Neto, que publicou meus desenhos na primeira página do Jornal da Semana, sem ao menos me conhecer. Eu tinha 23 anos e Nagib é um companheiro de luta pelo direito à expressão e opinião. Dedico a todos os humoristas gráficos por mostrarem ao mundo que é possível discutir e combater com as armas da paz. Dedico a Marcella, Mona Lisa e, especialmente, a Samuca pelas valiosas contribuições em sua finalização. Para todos os que amam a liberdade e a democracia.

Clériston

MINHA VERDADE SOBRE A DITADURA EM 64 CHARGES

CADA QUAL COM SUA CRÔNICA

Recife, 2016

Prefácio

Os tempos da ditadura sempre são lembrados pelas suas expressões extremas, vinculadas ao confronto político. O momento do golpe militar em 1964, o Ato Institucional nº 5, o Congresso de Ibiúna, a guerrilha do Araguaia, as prisões, torturas, cassações, os mortos e desaparecidos, o exílio, a censura, os confrontos de rua, o processo de abertura política, a anistia, a bomba do Riocentro, etc.

Mas além dessa rinha e seus atores, a vida cotidiana se desenvolvia, cristalizando um grande sufoco entre as parcelas mais esclarecidas da população, ou uma marcha cega, por parte dos inconscientes, seguindo a vida de gado de que fala o compositor Zé Ramalho. Neste espectro mais amplo se configurava a prisão domiciliar do povo brasileiro.

Este livro lavrado por Clériston trata do sufoco amplo geral e irrestrito daqueles tempos, visto pelo olho do chargista, driblando as malhas da censura que empestava as redações e as antessalas dos veículos de comunicação em geral. São 64 charges e 64 textos que a eles se referem, tecidos pela mão e o olho de quem vivenciou o processo as raias do humorismo.

Aqui se tem uma visão mais ampla do que significa uma ditadura na vida de um país, refletindo o clima em que se desenvolvia o trabalho da imprensa e a atividade intelectual. Em quadros específicos desse contexto, fez-se o registro e se revela a resistência do humorista do traço, pondo os dedos nas feridas, expondo o abuso e o grotesco, com o profissionalismo e a sutileza do palhaço que oculta a lágrima.

Trata-se de uma revista e um mergulho na dor-cidadã e na lágrima implícita.

Marcelo Mario de Melo

Apresentação

Este é um livro da minha verdade sobre a ditadura. Quem tem mais de 50 anos vai recordar comigo do que nos livramos. Quem tem menos vai saber mais um pouco da barra que era, pra ajudar a que não volte. Seu ponto de partida são 64 charges, entre mais de três mil delas, que publiquei no Diario de Pernambuco entre 1976 e 1986. Cada charge tem do lado esquerdo uma crônica, cuja narrativa é tecida a partir das primeiras palavras, que foram puxando as outras, como quem desenrola um novelo do passado, joga o laço da contemporaneidade e lança algumas redes ao futuro.

A ditadura se foi, mas o Brasil corre o risco de entrar em aventuras imprevisíveis, caso não se respeite o jogo democrático e a carta que nos rege, que é a Constituição Brasileira. Convido todos, através da leitura de suas páginas, a uma conversa comigo, através das observações que faço, das críticas que levanto e das reflexões que brotam. As charges são puro ato jornalístico, em cima dos fatos, principalmente dos fatos não ditos, escondidos pela vergonha da censura, que não permitia, durante uns tempos, nem que se escrevesse o nome de Dom Hélder. Eu conto a história e o quanto fiquei intrigado quando me disseram isso.

Parece um paradoxo pensar em humor e riso num período de tamanha repressão e autoritarismo. Mas, justamente, quanto maior é a sisudez mais o humor se faz necessário para tornar a vida mais leve e, mais que isso, dizer de forma graciosa o que não se ousaria dizer ao diabo. Lembram do bobo da corte? Ele tinha permissão de afrontar o Rei diante de todos. O humor, particularmente a charge, é uma construção social, que se desenvolve com a imprensa a partir da revolução industrial e funciona como um quadradinho onde se tem licença para uma enunciação irreverente.

Vocês podem acompanhar o amadurecimento do traço e das ideias de quem não entendia que tinha um emprego em um veículo da grande imprensa, e sim um espaço sagrado, onde nem o lá de cima poderia pôr o dedo, mas que era ávido por sugestões e opiniões, principalmente após a publicação dos desenhos. Muita gente me ajudou e aprendi que as melhores contribuições eram aquelas das quais eu não gostava na hora. E não era uma questão de ter razão, é que no contraditório tanto se reafirmam posições como se descobrem novas formulações.

As crônicas obedecem à seguinte rigidez metodológica: fluxo de consciência ou quase isso. Como dizia Millôr Fernandes, livre pensar, é só pensar, e assim foi. É mais pele que razão, mas há uma racionalidade no ímpeto, na corrida desenfreada pelos porões da memória. Essa lógica se dá por conta de uma estrada forrada por princípio éticos, pela escolha do que chamo de caminho do bem, mesmo que ele pareça torto como o rock, o blues e o humor gráfico. Acidez, mordacidade e, como pede a filosofia, desconfiar sempre das verdades últimas ou aparentes.

Procuro chamar a atenção para o fato de que o golpe militar não se restringiu à luta clandestina de agentes da repressão contra os grupos da sociedade civil. Todos os brasileiros, estivessem eles passando a roupa em casa, indo para a escola, jogando bola de gude, fumando um cigarro de palha, rezando o Pai Nosso, fazendo compras ou frequentando um bar, tiveram restrições em suas vidas. No mínimo, em relação ao direito à informação de qualidade e sobre o que se passava nas instituições que são sustentadas pelos impostos dos cidadãos, a quem deveriam as satisfações previstas na Lei.

Escrevi para as pessoas do meu país, pensando num público presumível de múltiplos gostos, valores e posição social. Mas escrevi pensando muito nos jovens estudantes, para que eles reflitam sobre o que devem evitar, as causas que precisam abraçar e pelo que lutar. Não há palavras de ordem, regras ou bandeiras para seguir. Mas há um discurso sobre valores, causas e caminhos, um discurso de esquerda, mesmo que se tente esconder sua importância. Aqui há um não solene e veemente à toda formulação ou prática autoritária que oprima trabalhadores, negros, mulheres, homossexuais, estrangeiros, índios, credos, culturas, crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos.

Teorizando um pouco, charge é um tipo de enunciado crítico e opinativo do campo do humor gráfico – por isso sua proibição é imediata em casos de ditaduras ou, então, sua enunciação tem vigilância cerrada, sofrendo constantes censuras. Os efeitos de sentidos que suscitam consideram a história, o contexto amplo e o horizonte social imediato partilhado entre autor e leitores presumíveis. Seu registro nas mídias e suportes físicos ou digitais se configura através do desenho caricatural de personalidades, objetos e cenários, além de outros elementos verbais e não verbais articulados a temas e personagens em evidência na atualidade e sua realização relativamente estável se dá através da relação dialógica entre chargista – mundo compartilhado – registro – e leitor.

A crônica, como gênero, tem lá suas relatividades, mas não me furtei a recorrer a todas as possibilidades. Aqui, ela é argumentativa, mas também se reporta à história, não necessariamente em ordem cronológica. Os fatos são narrados sem pretensão humorística, minha praia, mas têm lá suas ironias e ressaltam o risível. Também é descritiva, aqui e ali, mas meu entendimento é de que é jornalística, pois escrevi, pensando duplamente – para um livro, e como se fosse uma crônica diária em um jornal. Todos perceberão as nuances.

Produzi, sem tal preocupação, um sistema de pontos de vista que, facilmente, podem constituir uma formação discursiva. Assim, este livro marca uma posição firme sobre autoritarismo e leveza, totalitarismo e liberdade de expressão, e sobre patrimonialismo e responsabilidade social. Aqui está claro que nem o sol do meio-dia de que lado estou. E lado, para mim, não significa partidos, pessoas ou quaisquer organizações. Quem sabe, estamos do mesmo lado. Caso nossos pontos de vista sobre a vida em sociedade sejam diferentes, que isso gere boas discussões e nenhuma violência contra as pessoas e suas escolhas afetivas, ideológicas, estéticas, gastronômicas e sexuais.

Boa leitura, reflexões e, por que não, boas risadas!

Clériston

1976

A primeira charge no DP

Véspera de 2 de setembro de 1976. Caprichei no acabamento. Quase estragava na tentativa de melhorar, afinal, era a primeira charge num jornal de grande circulação. Havia denúncias de mordomias no governo, com ministros e militares na farra com o dinheiro público, e a repercussão foi boa. Naquele dia confirmava que o contexto era muito importante para os efeitos de sentidos que se pretende deixar no ar. A charge recorre à ironia, justapondo a palavra ¨mordomo¨ com o ¨banquete¨ carregado pelo garoto. Mordomo é o encarregado de zelar pelos bens de uma casa ou organização. Já mordomia, que a charge faz de conta que não mostra, mas revela, são benefícios concedidos pelo Estado a altos funcionários, como moradia, alimentação, transporte, cartões corporativos, e por aí vai. Estes podem ser justos e contratuais, mas, a distância para os excessos é curta. Assim tem sido desde que a família real portuguesa aportou em nosso solo. O garoto da charge ao lado entra em cena durante anos. É um misto de referência e homenagem a heróis dos quadrinhos, como Bolinha, Charlie Brown e Mafalda. Talvez uma autorreferência, já que, ainda criança, ouvia dizer, entre familiares, que eu era sonso: escutava a conversa de adultos, fazendo de conta que estava brincando, ou cochilando. Antes, observava a presença militar nas ruas, via pela TV o general Médici com radinho de pilha no Maracanã, na Copa de 1970; sentia o autoritarismo na igreja, na escola e nos bancos; deslumbrava-me com a aparição da contracultura na imprensa, nos quadrinhos e no rock. Mas não entrava de cabeça. Me fingi de morto até abraçar o humor gráfico e, de vez em quando, compondo músicas. Encarava o espaço no DP como um território carnavalizado onde ninguém poderia se meter, a não ser aconselhar, sugerir ou rir. Diálogo, sim. Intervenção, não. Eu tinha 23 anos. E assim fomos (r)indo.

A charge recorre à ironia, justapondo a palavra "mordomo" com o "banquete" carregado pelo garoto

Charge publicada em 2 de setembro de 1976

Desenho e liberdade

As crianças desenham. Adoram desenhar, mas umas poucas teimam em não parar. A maioria dos cartunistas é assim, e não sou diferente. Um dia levei um sermão de meu pai. Ele descobriu calungas no verso de todas as páginas de meus cadernos escolares. Ouvi pela primeira vez a frase "isso não bota ninguém pra frente". A mesma que ainda ouço quando empunho uma guitarra. Lá pelos 20 e poucos anos, depois de ser auxiliar de contabilidade, aprovador de crediário, gerente de vendas e aluno de administração da UFPE, chutei o balde e abracei de vez o desenho. Quadrinhos, publicidade, cartuns, design gráfico. Tudo culpa de minha mãe. Dona Nilta tinha um truque infalível para que eu ficasse durante o culto na Igreja Batista sem aperrear. Sacava de sua bolsa mágica papel e lápis. Eu ficava de joelhos, rabiscava, rabiscava e ficava imerso nas figuras e garatujas. O fato é que me sentia livre ao desenhar. Entrava em outro mundo. É uma experiência parecida com a de ver um filme ou ler um livro. A gente entra na aventura que está passando na tela ou nas páginas do livro e se transporta desse mundo, embora esteja mais nele do que nunca. Foi assim, quando entrei no jornal. Levava pra lá uns desenhos engraçados, mas, com o tempo, fui mergulhando no jornalismo e entrando em outro mundo, o mundo real, das injustiças, da repressão à liberdade de opinião, da censura a certos temas. Fui me transformando num subversivo tolerado pelo regime, com carteira assinada, endereço certo e sabido. Havia um governo ilegítimo instalado, e ele continuava lá, como uma pedra no meio do caminho, parte de uma paisagem forjada. Combater a ditadura tornava-se uma tarefa nítida a cada amanhecer, e os humoristas gráficos esclareciam a sociedade, mesmo que só ajudando a refletir sobre os temas. O Pasquim foi um exemplo, os cartunistas do semanário acreditavam cutucar o cão com vara curta. Mas, no fundo, achávamos mesmo que o cão era trapalhão.

> Eu ficava de joelhos e rabiscava, rabiscava e ficava imerso nas figuras e garatujas

Charge publicada em 4 de setembro de 1976

Convocado à Polícia Federal

O Diario de Pernambuco passava por uma reformulação gráfica, nos moldes do Jornal do Brasil. Lá, Ziraldo e Lan publicavam suas charges. Aqui, começamos eu e Sávio Araújo, o mesmo que concebe e fabrica o Galo da Madrugada gigante que fica na ponte nesses carnavais. Antes do fim de 1976, recebemos telegrama da Polícia Federal (PF) nos "convidando" para prestar esclarecimentos. Era como se fosse intimação. Quem me entregou o telegrama foi a chefe de redação. Não tive medo, mas não deveria ser tão demente. Telefonei para Toinho dos Santos, com quem havia fundado a banda FALABOCA, e ele contou o caso a um advogado e professor da Unicap, acho que tinha barba e se chamava Germano. Lembro perfeitamente o que ele disse: "Se até às 19h você não aparecer, a gente cai em campo". Apresentei-me na PF, no Cais do Apolo, na hora marcada. Fui recebido cortesmente. O agente deu-me a ler uma carta do coronel Wanderley, que parecia brabo. Ele comandava o Detran. Na época havia coronéis em tudo o que é repartição pública. Na carta o militar solicitava à PF providências enérgicas contra nós. Depomos em horários diferentes. Para esse coronel, fazíamos parte de uma campanha orquestrada para denegrir as forças armadas. Meu Deus, como eles tinham esse complexo, além da mania de "providências enérgicas". Expliquei a charge ao lado, dizendo que era um jargão dos humoristas a frase "deve ser um novato". Originalmente, era dita por um paciente que, ao sair de um consultório médico, dizia "tô curado!". Preferi a do policial "porque as pessoas riem mais quando tem uma figura de maior autoridade", quis dizer, mais repressora. Daí, o escrivão datilografou a única coisa que eu não disse – mas assinei e não cumpri: a promessa de "doravante não mais desenhar elementos das forças armadas". Três meses depois caricaturei o presidente Geisel, que era general.

> "Se até às 19h você não aparecer, a gente cai em campo"

Charge publicada em 9 de setembro de 1976

A ditadura e eu

Éramos dois estranhos: a ditadura e eu. Na pós-adolescência, passei gradualmente a percebê-la, a combatê-la, a inaceitá-la, a escarnecê-la. Quando entrei no Diario, aos 23 anos, queria desenhar para o mundo, ser engraçado, crítico. Sabia, desde criança, que os presidentes eram generais. Mas também sabia que as nuvens eram brancas ou cinzas. Das nuvens, falávamos nas aulas de ciências. Dos governos e poderes constituídos, nas aulas de Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira (OSPB). Estava tudo dado, o mundo era assim. Mas era injusto e errado. Dava pra sentir. Minha cidadania foi construída a cada charge, ao mesmo tempo em que a própria ditadura passava a ser questionada pela sociedade. Antes disso, ela foi combatida de modo isolado por personalidades artísticas e políticas, por alguns jornalistas e ativistas, principalmente, pelos que abraçaram a clandestinidade, pagando com prisões arbitrárias, torturas e o apagamento da vida. Assim caminhava o povo, descrito pelo poder como de índole pacífica e ordeira. A censura imposta aos meios de comunicação evitava pautar as pessoas sobre a discussão de seu destino político. Sobre futebol e automóveis, se falava à vontade. Havia um clima de terror silencioso, de modo que a manifestação pública da opinião não era cogitada e, quando acontecia era à boca miúda, entre três ou quatro. Evitava-se dizer certas coisas, como a leitura de livros marxistas ou "de esquerda", logo, "subversivos". Em cada esquina, sala e família havia a sombra de um dedo-duro. Bastaram alguns meses de charges, para ouvir no jornal: "Lá vem você com suas charges comunistas". Numa delas, um miserável era comparado ao modelo econômico vigente. Os copidesques, revisores que ocupavam uma sala à parte, me perguntavam: "Qual é o sabonete e pasta de dente que você usa? É pra gente te levar na cadeia, hahaha!". Desse modo, virei comunista sem carteirinha, esquerdista, artista e jornalista.

Em cada esquina, sala e família havia a sombra de um dedo-duro

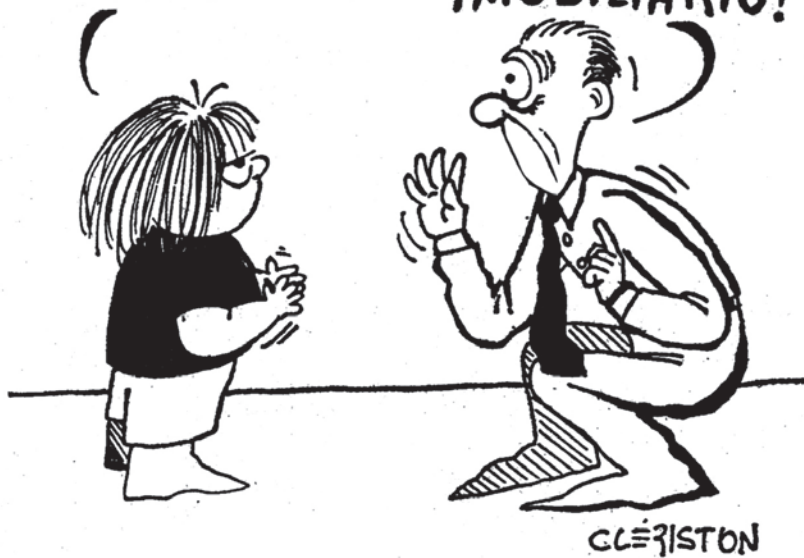
Charge publicada em 27 de setembro de 1976

Maniqueísmo e meias verdades

A charge ao lado dá o tom daqueles anos ditos maniqueístas. Nós, trabalhadores, artistas, médicos, professores, éramos o bem. O governo, pecuaristas, usineiros, banqueiros e empresários em geral, eram o outro lado. O lado que silenciava ou apoiava o governo autoritário vigente no Brasil. Tudo meias verdades, hoje sabemos disso. A direita dizia "comunista bom é comunista morto", a esquerda citava Proudhon: "toda propriedade é um roubo". Há muitos comunistas bons. E parte da apropriação de bens é uma construção social, noves fora grileiros, usurpadores e invasores. Nos anos 1980, vimos vencer o aforismo "farinha pouca meu pirão primeiro", sem distinção de partido, classe, credo ou sexo, uma forma de apropriar-se da política como um modo de enriquecimento ilícito e rápido. Mas isso também não é absoluto. A relativização da honestidade e o amofinamento da ética nas relações de agentes públicos e privados com o poder, particularmente onde circulam grandes somas e vergonhas, são justificadas nas redes sociais por pessoas de bem. É como se houvesse um Carnaval com apenas dois blocos: o de sujos e o de mal lavados. Custa ao bom senso admitir que pessoas bem informadas, inclusive formadoras de opinião e acadêmicos respeitados, façam vistas grossas à sanha patrimonialista que pune o Brasil desde o período colonial. Temo que respeitados ilustres deixem de ser respeitáveis. Espero que Roberto DaMatta não precise confirmar tal comportamento em pleno século XXI numa próxima edição de seu livro *O que faz do brasil, Brasil*. Tomara que as pessoas caiam de pé em seu juízo e deixem aflorar o necessário pensamento crítico que Sócrates tanto apregoou. A charge ao lado também é sobre poder e dinheiro. Dificilmente ela seria publicada em jornais de grande circulação no mundo hoje em dia. Os ditadores são outros. Mas como as coisas são meias verdades, quem sabe?

> Um forma de apropriar-se da política como um modo de enriquecimento ilícito e rápido

Charge publicada em 1976

SALÁRIO

1977

Anistia e o jerimum de Paulo Freire

Am you or day she you. Esta era a gozação que se fazia, em cartazes e camisas, ao satirizar uma das frases ufanistas criadas no governo Médici: BRASIL: AME-O OU DEIXE-O. Obviamente que amar significava, na época, dizer "sim" à condução do País, fazer de conta que estava tudo ótimo, não reconhecer e muito menos falar de arrocho salarial ou da existência de pobreza e miséria. Aliás, corro desse tipo de amor cívico, caso seja exortado aqui, inclusive na ditadura, em Cuba, na Coreia do Norte ou nos EUA. Meda! Como dizemos hoje nas redes sociais. Prefiro amar o senso de justiça, das verdades relativizadas pelos múltiplos pontos de vista sobre o mundo, amar a tolerância étnica, cultural, amar o direito ao contraditório, à convivência pacífica - mesmo que polêmica - da circulação de credos e gostos estéticos. E essa defesa que faço aqui desses amores outros, pode parecer piegas, mas, no duro, não é fácil. Você pode ser acusado de ficar em cima do muro, de ser permissivo e, caso mantenha um espírito crítico, pode ser desligado do Facebook do amigo próximo. Agora vejam que sinuca os anos 1970 nos impunha: ter inveja dos que iam embora para algum país onde você teria o direito de ir e vir, falar, cantar, dançar, filmar... Versus a vontade de permanecer, resistir, de não deixar sua terra cultural. Ficou gravado em minha memória o dia em que o educador Paulo Freire desembarcou aqui, após a anistia. O repórter de uma TV indagou Freire ao descer do avião, mal pisou ao solo: - O que o senhor tem a declarar? - Não vejo a hora de comer jerimum com carne seca (algo assim!). Parece bobagem, mas entendi como a metáfora de tudo o que se deixa quando se parte. Não era mole amar, deixar ou ficar.

Caso você mantenha um espírito crítico, pode ser desligado do Facebook do amigo próximo

Charge publicada 1 de março de 1977

Luta de formiguinha

A turma do jornal satírico *O Papa-Figo* achou essa charge muito divertida. Fiquei feliz, pois eram cartunistas que já estavam publicando antes de minha estreia na imprensa, no jornal *Folha da Semana*, pelas mãos do editor Nagib Jorge Neto. Humoristas gráficos associados editaram uma revista chamada *Humor Feito por Nós*, cuja estrela maior era o cartunista Ral, já conhecido por suas colaborações no semanário *O Pasquim*. A charge ao lado fez parte dessa coletânea de 1976 e, apesar de sua graça, mostra o arrocho salarial praticado na época. Os desenhos satíricos davam margem a múltiplos efeitos de sentidos. Eram considerados trincheiras de luta, com denúncias e críticas quase sempre mordazes. Mas também havia lugar para a sutileza de um artista tal qual Lan, no jornal do Brasil; e para as criações poéticas, como as de Caulos e as de Juarez Machado – que editaram belos livros. Eu entrei no time de Nani, Angeli, Lor, que transitavam entre o escracho e a virulência, mas sem perder o riso. Cito esses entre uma centena de feras em atividade na época, publicando ou tentando publicar em tudo o que era tipo de mídia gráfica. Laerte, por exemplo, chegou a ser apelidado de rei da imprensa sindical. Aqui, antes de entrar no Diario, colaborei na imprensa estudantil, fiz quadrinhos pró-legalização das moradias de Brasília Teimosa, que um padre com pinta de estrangeiro ia pegar lá em casa; e alguns sindicatos também contaram com meu traço em suas frentes de luta. Nessa época, quase tudo era grátis, sem cachê. Estávamos no mesmo barco tentando desmontar um regime autoritário e instaurar a democracia. Era uma briga de formiguinha, cada um com suas competências, até que um dia a casa caiu, tivemos eleições, alegrias e decepções. Seguimos lutando pela liberdade de expressão e demais conquistas, hoje e amanhã. Aos poucos, tudo foi sendo profissionalizado. Até militância política.

Eu entrei no time de Nani, Angeli, Lor, que transitavam entre o escracho e a virulência, mas sem perder o riso

Charge publicada em 7 de março de 1977

O ar que respiramos

Nos anos 1970, era comum se falar por subterfúgios. Até com amigos ao telefone, não se dizia abertamente o que se precisava dizer. Não que as pessoas em geral estivessem participando de atividades clandestinas. É que ninguém queria ser mal interpretado e apreendido. Caso se conseguisse esclarecer o mal entendido, talvez um choque elétrico ou queimadura já tivesse ocorrido. Eu tinha uma cisma danada com qualquer pessoa fardada. Porteiros de hotel perfilavam uma aura autoritária acima das responsabilidades. Os "censores" – auxiliares de disciplina – dos colégios pintavam e bordavam nos castigos. No Americano Batista, mandavam contar formigas e trazê-las em uma caixa de fósforos. Conheci um deles que era árbitro de uma federação desportiva. Como o documento tinha uma faixa verde e amarela, ele achava que podia tudo. E podia mesmo. As pessoas empalideciam ao ver as duas cores. Um amigo contava que ele chegava a bares e boates, exibia a tal carteira e pedia o documento aos frequentadores. Documento! Ordenava. Quando o sujeito mostrava o RG, ele dizia: "Isso não vale medha!" E jogava a cédula ao chão para ver o sujeito se abaixar e pegar. Daí saía rindo do "cagaço" das vítimas, como diziam seus acompanhantes. Nos jogos escolares, desfilávamos marchando. Nós, em plena adolescência, estufávamos o peito e imitávamos o modo de desfilar dos militares. A palavra de ordem era desfilar com garbo: não sorrir, ficar todo esticado, manter as mãos espalmadas e os dedos juntos. Na igreja Batista da Capunga, havia uma coordenadora de jovens que usava um apito para manter a ordem e se comunicar com o grupo em acampamentos. Mais do que a praticidade do apito, precisavam ver a empáfia de quem o usava. Priiiiu! Os tempos autoritários não se confinavam nas casernas. Quando o professor entrava na sala de aula, todos ficavam de pé e só sentavam quando ele fazia um gesto, sem nem olhar pra gente. Sei diferenciar respeito de medo. A charge ao lado faz de conta que se refere ao custo de vida, mas é uma denúncia velada, escamoteada, de registrar aqueles tempos quando respirar poderia ser fácil, desde que sob a égide da segurança nacional. Égide da segurança era o escudo deles para tocar o terror! A tentação de desmoralizar todo esse mundo semântico era enorme. A adrenalina subia quando víamos no dia seguinte que o desenho havia mesmo sido publicado. Em seguida, era só endorfina.

Égide, que bosta! A tentação de desmoralizar todo esse mundo semântico era enorme

Charge publicada em 11 de março de 1977

As mulheres e a ditadura social

A ditadura era um negócio de homens, mesmo tendo o apoio de senhoras da TFP. Refletia uma sociedade machistoide. Os generais eram homens. Os chefes de família, homens. Os pastores, padres e sacerdotes, homens, noves fora as mães-de-santo. A Câmara e o Senado, um negócio de caras de paletó, noves fora uma ou outra Cristina Tavares. Até hoje, no ambiente masculino em Brasília, há reuniões regadas a uísque e putas de luxo. Nada contra o álcool ou as profissionais. Registro apenas que é um ambiente cultural cuja ancestralidade performática remonta ao homem no cabaré e à mulher em casa. Esta, cuidando das crianças, da cozinha e da arrumação – mesmo que dando ordens, mesmo que dando umazinha com o jardineiro – pra ficar num clichê de filme brasileiro produzido na época da ditadura. Sintomático, não? E digo mais: a charge sempre foi um espaço masculino, em que são retratados quase sempre homens: políticos, generais, bandidos, trabalhadores, exploradores, como se a mulher fosse uma sombra social. Será que as veneramos tanto, como a virgem santíssima, que as deixamos fora dessa lama produzida ou criticada por nós? Então digo eu: pelo direito às mulheres de serem corruptas, de fazerem esbórnias e, enfim, aparecerem nas charges não como vítimas de exclusão, mas de feitos de igualdade. Escândalo social pós ditadura: resultado recente de uma pesquisa da Organização Internacional do Trabalho/OIT aponta que a equiparação salarial se dará em 70 anos. Oi? Lembrando, qualquer foto de nossos patrícios de luta armada mostra um magote de machos. Noves fora uma ou outra coração valente. Uma delas, revelando novos tempos, se fez presidenta. E como seus antecessores homens, igualada nos acertos e muitos erros. Mas tem sido atrapalhada por eles. Fui pra próxima página.

Até hoje, no ambiente masculino em Brasília, há reuniões regadas a uísque e putas de luxo

Charge publicada em 15 de março de 1977

O bilhete azul do coronel da Telpe

Fiz um teste de seleção e entrei na Telpe. Ajudei a montar o setor de Comunicação Visual, junto a uma desenhista projetista que já havia lá no Departamento de Recursos Humanos. Um ambiente de trabalho espetacular, onde era querido por todos e a recíproca era verdadeira. Eis que, numa bela semana, uma onda de acusações toma conta do jornalismo impresso, televisivo e radiofônico: usuários de orelhões reclamavam que as geringonças, avanço tecnológico na época, engoliam as fichas sem completar a ligação. Bombardeado pela mídia, fiz a famosa charge, da qual não me arrependo, mas que me custou o emprego. Ao chegar à Telpe, às 8h da manhã do dia da publicação da charge, eu estava demitido. O chefe do DERHU, Pedro Ramalho, me chamou em sua sala e, visivelmente constrangido – perdão pelo vício literário –, começou a dizer que todos estavam satisfeitos com meu trabalho, "mas... Já entendi, estou fora da empresa!" Ele disse que argumentou e fez de tudo para reverter a decisão, porém o Coronel Areia Gomes – acho que era esse o nome – estava irredutível. "Suas contas já estão prontas". Meses depois, encontrei um ex-colega de trabalho que me relatou o seguinte: Naquela manhã, a diretoria sairia para uma inspeção. Aí um advogado lambe-botas mostrou o jornal com a charge antes das oito da manhã, afirmando que era um ato de "traição". Estranho uma diretoria ir para as ruas inspecionar algo que já era do conhecimento público há semanas. Devem ter chamado as TVs pra filmar. Quando entrei na Companhia, através de teste de seleção, já era jornalista e usuário do sistema. Cumpri minha função de humorista gráfico fora do expediente. A charge foi feita no intervalo do almoço. Eles nem imaginavam que um subchefe, antes de levá-la ao jornal, disse: "Põe a marca da Telpe aí!" Respondi: "De jeito nenhum". A charge é contra o mau funcionamento do equipamento. Cabe a quem de direito consertar. Anos depois, Garibaldi, um candidato a vereador entusiasta do cartum político, queria dar entrada na Justiça por "perseguição da ditadura" e solicitar minha reintegração aos quadros da Telpe, recorrendo à Lei de Anistia. Sorri muito e disse: "De jeito nenhum". Eu fiz a minha parte e eles, a deles. Tá tudo certo.

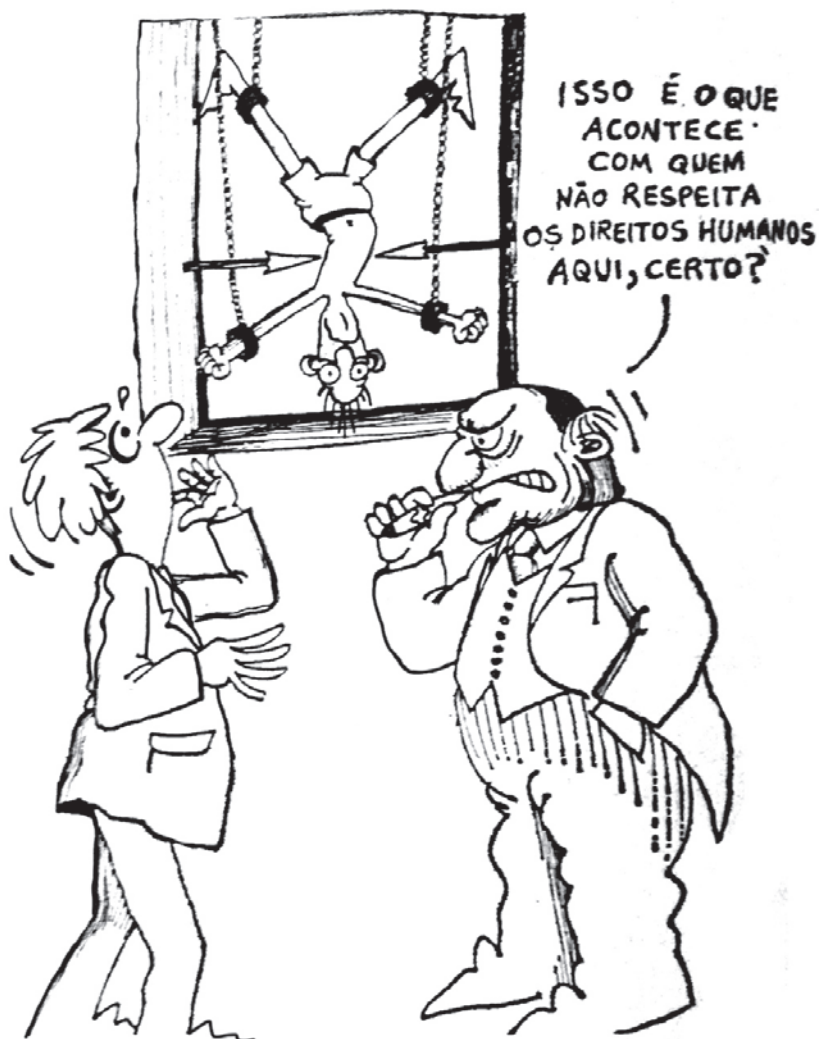
Bombardeado pela mídia, fiz a famosa charge, da qual não me arrependo, mas que me custou o emprego

Charge publicada em 16 de março de 1977

Tortura nunca mais

A tortura, por paradoxal que seja, é um ato desumano próprio do homem, desse tipo de animal. Trata-se de uma prática degradante e covarde para se obter vantagem. Na "santa" inquisição, os torquemadas arrancavam confissões após a extração de unhas e dentes. Se confessava atos pelos quais não se tinha responsabilidade para estancar uma dor além dos limites de cada um. A busca ou a manutenção do poder tem levado membros dos poderes eclesiástico, militar, civil e da bandidagem a cometerem tais atos hediondos. Nesse tema não dá pra economizar palavras. Nenhuma delas representa a miséria e a degradação que é o homem subjugar o outro. E aí não há santos. Até as democracias têm sua Guantánamo. O homem é o único tipo de animal que pratica tortura psicológica e física. Na família, na delegacia, em universidades, hospitais, sacristias, escritórios, fábricas, quartéis, estúdios artísticos, onde houver pessoas e interesses, há esse tipo de desvio. Digo mais, a tortura não é própria do humano, embora seja uma invenção do homem. Humano significa o ser social, coletivo, que necessita do outro, no mínimo para procriar e nascer. Foi pelo interesse coletivo que se elaborou a Declaração Universal dos Direitos do Homem. A charge ao lado também apresenta um paradoxo: quem não respeitar os direitos humanos por aqui será torturado. Ou seja, não terá o 5º direito humano básico respeitado: "Ninguém será submetido à tortura nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante". E aqui o termo é claro: NINGUÉM. O desenho mostra o pouco caso que se faz com o tema. Alega-se que há bandidos, estupradores, assassinos cruéis e... comunistas, mulçumanos, cristãos, gays, eu e você.

Nenhuma palavra representa a miséria e a degradação que é o homem subjugar o outro

Charge publicada em 14 de julho de 1977

1978

Entre pacotes e reformas

Petrônio Portela, do Piauí, era presidente do Senado. O que lembro e está registrado em muitas charges, é que ele era o homem das reformas e dos pacotes, estes últimos, principalmente, no governo Figueiredo, quando foi ministro da Justiça. Eram aqueles remendos para costurar a falta de democracia e debate público. Ele tinha a confiança dos militares e, claro, era da Arena, que depois transformou-se na mesma coisa, no PDS. Não chegou a viver para ver a evolução do partido para o PFL, a mesma coisa. Ah, ia esquecendo que depois, respeitando a linha do tempo, findou no minúsculo DEM(ocratas). A coisa mais engraçada foi ter visto, ultimamente, parlamentares do DEM exigindo liberdade de imprensa, mais transparência no governo e, como o nome diz, terem se tornado paladinos da democracia. Não pensei que fosse viver para ver isso: da Arena ao DEM. O primeiro era o partido que dava sustentação política e civil à ditadura militar. Ou eram os militares que davam sustentação ao governo das chamadas elites brasileiras? Sim, na época desta charge, falar de elites fazia o maior sentido. Estavam juntos e coesos em torno de um mesmo ideal: manter o povo e as oposições mais ou menos amordaçados. Hoje, isso não faz mais sentido. Também não pensei que fosse viver tempo suficiente para ver megaempresários presos pelos mesmos atos que sempre praticaram na história deste País: patrimonialismo, tráfego e tráfico de influência, financiamento da campanha de políticos e partidos, para depois terem, vocês sabem, né, livre trânsito e informação privilegiada, além de favorecimento em editais de obras públicas, a mina de ouro das grandes corporações e dos homens de pequena estatura ética.

A coisa mais engraçada foi ter visto, ultimamente, o DEM exigindo liberdade de imprensa

Charge publicada em 12 de maio de 1978

Piadas de caserna

Quando era criança, eu lia lá em casa a Seleções do Reader's Digest. Minha mãe tinha uma assinatura. A revista, que parecia um livrinho por causa de sua lombada, era salpicada de piadas, entre as quais, as Piadas de Caserna. Eram histórias engraçadinhas ocorridas em quartéis de todas as armas. Era uma publicação para as pessoas pacíficas e ordeiras, que não queriam, ou não sabiam precisar, esse negócio de política. Tenho um segredo para contar, e ele pode chocar ou decepcionar algumas pessoas. É que fiz o curso do CPOR em 1972 e o estágio instrução – obrigatório – em 1974, no 7º Batalhão de Engenharia de Combate, em Natal/RN. Anos duros da ditadura Médici, que só viemos a saber detalhes através da combativa e gloriosa imprensa nanica: Pasquim (1969), Opinião (1972), Movimento (1975) e Versus (1976). Também começaram a ser publicados a literatura de testemunho, como *O Que é Isso Companheiro* – de Fernando Gabeira (1979); e *Em Busca do Tesouro*, de Alex Polari (1976), que dão uma visão para além dos porões da ditadura, relatam contradições, dúvidas e amor por uma causa, dos que ingressaram na guerrilha urbana. Então, em sua amplíssima maioria, éramos uma geração desinformada, sem poder. Não é à toa que o esclarecimento pode ser inimigo do autoritarismo e contra a exploração. Por isso defendo a liberdade de circulação da informação por todos os meios e essa é uma garantia de que as pessoas possam construir seus nexos com um mundo mais próximo do real, sendo esta uma construção coletiva, dialógica e multifacetada. Nas ditaduras, há uma tendência ao monologismo, à uma voz de comando, que tende a determinar até o toque de recolher.

Nas ditaduras, há uma tendência a uma voz de comando, que tende a determinar até o toque de recolher

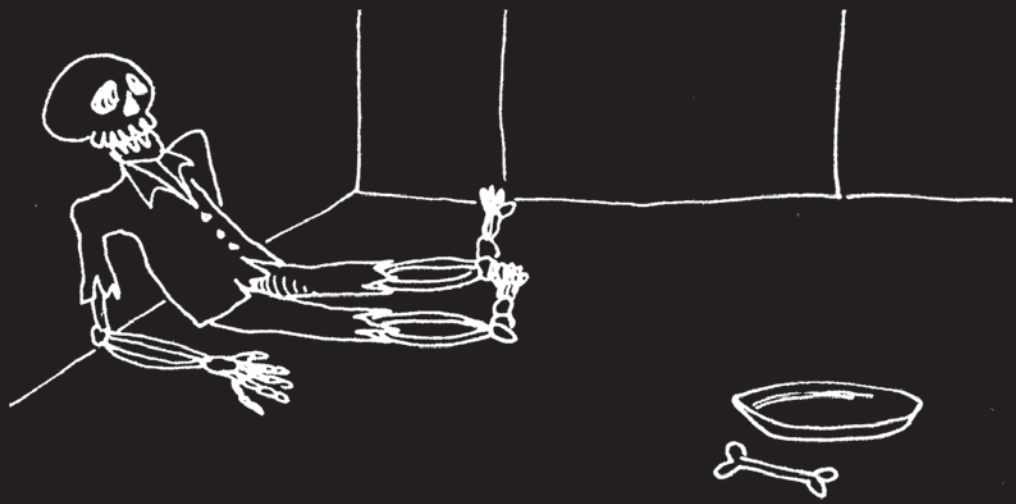
Ah, o segredo: a caserna, internamente, é mais semelhante às histórias do Recruta Zero que qualquer militante armado poderia imaginar. E meu comandante, o coronel Childerico Fernandes, era uma cópia do general Dureza.

Charge publicada em 7 de maio de 1978

Figueiredo, o terror do marqueteiro

Até hoje não entendi porque o presidente general Geisel indicou o também general João Baptista de Figueiredo, chefe do Serviço Nacional de Informações, o SNI, para sucedê-lo. Enquanto Geisel tinha um porte elegante, sisudo e respeitável, Figueiredo parecia o que nos quartéis chamam de mocorongo: alguém desajeitado, meio caipira. Desde sua aparição, Fig, como chamávamos no popular, me passou a imagem de tosco, pelo seu jeitão. O governo também reparou que o homem não daria muita esperança, ao menos pela simpatia. Ah, já havia os marqueteiros de plantão, e aqui registro o meu entendimento por marqueteiro: são profissionais pagos para reverter expectativas de casos perdidos, ou qualquer um que aceite essa missão. Bem diferente de profissionais de marketing, que cuidam da aparição e circulação de um produto visando um sucesso otimizado. Primeira leseira, uma campanha para popularizar sua imagem chamando-o de "João do Povo". Provando que o marqueteiro faz de leso quem o remunera, João, o caso perdido, deu uma entrevista e, para demonstrar seu apreço pelos cavalos, disse que o cheiro deles era melhor, ao ser perguntado se gostava do cheiro do povo. Não estou fazendo birra com marqueteiros. É que alguém que respeitasse o cliente tentaria outras estratégias – que pudessem lograr êxito –, caso conhecessem o produto, tarefa primeira de um profissional de marketing ou de comunicação e imagem. Ah, divulgaram que ele havia sido um bom aluno em matemática, daqueles que só tiravam dez. E o quico? Minha impressão é a de que o general Geisel estava mesmo tendo que devolver o destino do País aos civis e Figueiredo seria alguém que não deixaria mesmo saudade. Após o mandato, saiu-se com essa: "Eu quero é que me esqueçam". Esquecemos. Mais ou menos.

Figueiredo parecia o que nos quartéis chamam de mocorongo: alguém desajeitado, meio caipira

Charge publicada em 9 de setembro de 1978

1979

Maciel o biônico e o trabuco

Qualquer regime militar causa estranheza nas pessoas. Mesmo que muitas se sintam seguras, supondo-se protegidas contra assaltos pela presença ostensiva de soldados, o que rola de fato é tensão nas ruas. Onde há soldados, há armas e presume-se algum tipo de conflito. Aqui em Recife, no subúrbio, mesmo sem a poderosa rede de comunicação que há hoje, todos ficavam sabendo quando havia confusão, como no dia em que os estudantes jogaram bolas de gude para derrubar os cavalos e seus cavaleiros da PM na Conde da Boa Vista. As pessoas souberam da bomba que explodiu no Aeroporto dos Guararapes, em 1966. Sabiam das passeatas e da repressão no Centro da cidade. Mas as pessoas não falavam disso, apenas sabiam, ouviam dizer, temiam. Não temos o culto às armas, como acontece nos Estados Unidos, mas, através da indústria do entretenimento, particularmente do cinema e dos quadrinhos, sofremos alguma influência de lá com as histórias de caubói e as de guerra. Em nosso imaginário, há Lampião e seus cangaceiros, sempre em conflito com a volante, como chamavam a polícia que os perseguia. Esse arquétipo do homem empunhando uma arma de fogo fez brotar a charge ao lado, acho que na época muito divertida, mesmo com a presença do trabuco. A leveza do enunciado fica por conta do texto, que tem palavras como amigo velho, muito grato e gentileza. De fato, uma metáfora do que acontece até hoje, quando os políticos assumem um cargo executivo. Na época eram os correligionários que pressionavam de algum modo o então deputado Marco Maciel, escolhido pelo Presidente Geisel para governar Pernambuco. Ficou apelidado de governador biônico. Vinte anos depois, em 1999, foi a vez de um ex-governador entrar armado na redação do Jornal do Commercio para ameaçar um jornalista. Dessa sorte, escapei.

> Sabiam das passeatas e da repressão no centro da cidade. Mas as pessoas não falavam disso

Charge publicada em 30 de janeiro de 1979

Meu primeiro abacaxi

Acho que Geisel fazia parte do grupo de militares que não via a hora de voltar para a caserna e deixar o abacaxi que é governar o Brasil com os civis. Mas, pra segurar a barra do outro grupo inconformado, em minoria numérica e sem tanta força, ainda teria que passar mais uns aninhos pra abafar qualquer fumaça de resquícios do golpe, ainda um vulcão em atividade. Tanto é que mais adiante, em pleno governo do general Figueiredo, houve a tentativa de atentado à bomba no Riocentro, frustrado pela imperícia dos militares ou pela sorte das pessoas que estavam lá nas festividades do dia do trabalhador. Os artefatos explodiram no colo dos dois agentes que ocupavam os bancos da frente de um automóvel Puma. Então o abacaxi era bem amargo, pois, além das agruras de estar no comando da gestão de um País desigual, dividido, amordaçado, ainda tinha que manter sob controle os caras que queriam derramar mais sangue. Geisel representava um duplo papel: o de algoz da democracia e, ao mesmo tempo, o de avalista da abertura política. Fui modesto. Geisel não passaria ao sucessor um abacaxi, mas uma plantação!

Amordaçado, ainda tinha que manter sob controle os caras que queriam derramar mais sangue

Charge publicada em 4 de março de 1979

Exorcisando a ditadura

Lembram do filme O Exorcista? Pois é, o demônio custa a sair do corpo. E para ter sucesso, é preciso desacreditá-lo, desmontá-lo. Estávamos em 1979 e muitos brasileiros continuavam exilados. Eu não estava louco, mas algumas pessoas temiam por mim, que vivia cutucando os caras. Sim, ainda havia setores reacionários nas fileiras militares que agiam para impedir a volta do estado de direito. Mas os artistas, e digo isso com a mais profunda humildade, têm a capacidade de ver mais além, mesmo sem metodologia científica, sem uma formulação clara, sem uma análise de cenário fundamentada em dados estatísticos. Funcionamos como uma esponja discursiva que vai sentindo os rumos, a movimentação dos atores, seus silêncios e hesitações, seus arroubos retóricos, os novos passos onde havia deserto, a multiplicidade de relações dialógicas na sociedade que afeta todas as camadas, classes e categorias de indivíduos e associações. Só pra constar: não há registro da caricatura do presidente Médici na imprensa brasileira durante seu governo. Não escrevo mandato, pois ele não foi eleito pelo povo. Já Geisel passou a ser lenta e gradualmente desenhado. Quando Figueiredo foi anunciado, já era um boneco em nossas mãos, uma criação lúdica – literária – e gráfica, de quem se falava, conforme o estilo de cada cartunista. A discussão não era mais se ele "prende e arrebenta", como chegou a ameaçar, mas sobre quem sacou o melhor design de suas orelhas. A meu ver, quem primeiro matou a pau foi o chargista Mariano, do Rio de Janeiro. Ele deu o tom e fomos atrás.

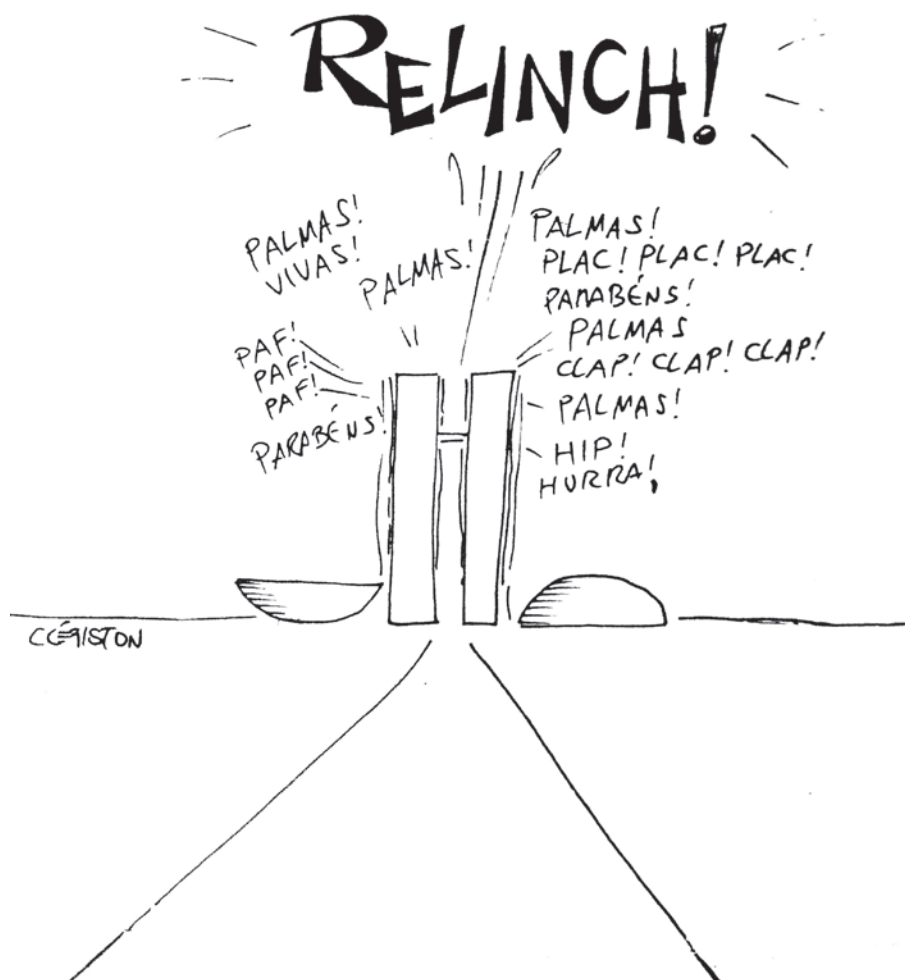
Não há registro da caricatura do presidente Médici na imprensa brasileira durante seu governo

Charge publicada em 10 de março de 1979

A posse do general João Figueiredo

Fazer essa charge foi uma delícia! Ainda uma alusão à preferência de João Baptista pelos cavalos, a ponto de sua sonoplastia nesse dia ser grafada onomatopaicamente como um relincho relativo aos equinos. Veja que coisa interessante: o mesmo jornal que há poucos anos proibira, devido a "recomendações", que se escrevesse o nome de dom Hélder Câmara em suas linhas agora permitia, sem sustos, que um chargista de seu quadro de funcionários registrasse, através do humor gráfico, a troca de um general por outro na presidência da República, cujo discurso de posse fora sintetizado em um ruído cavalar. E, de quebra, mostrava a docilidade do Congresso através de entusiasmada ovação. Quando afirmo que a queda gradual da ditadura era dialógica, é que não era uma coisa particular nem nossa nem de seu fiador, o então ex-presidente Geisel. O AI-5 já havia sido retirado da ordem do dia, generais rebeldes foram aposentados e, embora ainda houvesse muita sujeira autoritária debaixo do tapete, saber que o próprio jornal publicara essa charge era mais um degrauzinho conquistado no quesito liberdade de expressão. E ambos sabíamos disso: nós e os militares, junto a seus coniventes sem farda.

O próprio jornal publicara essa charge. Era mais um degrauzinho conquistado no quesito liberdade

Charge publicada em 15 de março de 1979

Ainda faz escuro mas se desenha

Pois é, gracinhas e provocações aqui e ali, além de pequenas vinganças tardias, as charges iam desenrolando-se no seio o governo militar e seu regime de exceção de forma a expor seu ridículo e sua absurdez, às vezes em enunciados escancaradamente jocosos; estes se alternavam com outros que exalavam espanto, estupefação, revolta. Numa charge, temos a absoluta certeza da pulverização do regime autoritário e de exceção. Noutra há sinais de nuvens escuras, de forças subterrâneas ameaçadoras, além daquelas em que se mostra os traços da intolerância entre civis no executivo, no parlamente e no judiciário, fatos que ainda perduram e são noticiados. Geisel não era mais a bola da vez, já havia passado o bastão para outro fardado fazia três dias. Aqui na charge ao lado, ele ressuscita em pesadelo, sendo acalmado por sua senhora. Só lembrando que Geisel, a quem me referi antes como o paladino da abertura política, engendrada junto ao general Golbery do Couto e Silva, chefe da Casa Civil, é o mesmo em cuja gestão, em 1975, ocorre a morte de Vladimir Herzog. Esse jornalista foi assassinado sob tortura nas dependências do DOI-CODI, em São Paulo, como outros em circunstâncias semelhantes. Não culpo Geisel pelas mortes, mas ele era o comandante em chefe das tropas. Depois fechou o Congresso em 1977, quando baixou o ¨pacote de abril¨, que estabelecia, entre outras coisas, o cargo de senador biônico. Um prato cheio para charges! Mas confesso que fiquei satisfeito quando ele demitiu o general linha dura Silvio Frota, ministro do Exército, por insubordinação. Afinal, os ¨assassinatos por enforcamento¨ deveriam ter parado. Mas veio a gota d´água, a morte, nas mesmas condições de Herzog, do operário Manoel Fiel Filho. As duas mortes já haviam levado entidades civis, estudantes e o povo às ruas para protestar. Não havia mais condições desse tipo de governo se perpetuar. Amém.

> Não culpo Geisel pelas mortes, mas ele também fechou o Congresso em 1977, quando baixou o "pacote de abril"

Charge publicada em 18 de março de 1979

A marca registrada do regime: o AI-5

O famigerado AI-5 foi revogado em outubro de 1978, já no fim do governo Geisel. Essa bomba ele não deixou pro seu sucessor. Bomba pra gente, os cidadãos do País. Esse ato foi baixado no governo do general Costa e Silva, dez anos antes, em 13 de dezembro de 1968. Através dele, os generais podiam pintar e bordar, prender, fechar, cassar. Caetano e Gil foram presos no Rio no mesmo mês. Também em dezembro de 68, foi publicada a primeira lista de deputados cassados. Geisel engendrou a tal abertura, mas, pra qualquer eventualidade, ele tinha essa "salvaguarda" autoritária para lançar mão, tanto que livrou-nos dela só no final de seu governo. Vai que ele sabia que Figueiredo era temperamental e poderia fazer uso intempestivo do Ato. Ops, qualquer uso seria inoportuno pra nós, vítimas em potencial. Em tempo: antes que algum movimento étnico me crucifique, aviso que hoje não desenharia uma empregada doméstica como o fiz. Na época, apenas uma constatação do que eu via na casa das pessoas. Mas confesso que caí num clichê que eu mesmo acho deplorável, talvez tenha sido a única vez que formulei assim, então, fica como "licença poética", mas uma poesia ruim. Do mesmo jeito que desenhávamos operários magros, quixotescos, de olheiras, para denunciar o quanto eram explorados. Certa vez o chargista mineiro Lor levou um pito, no início dos anos 1980, de trabalhadores ao apresentar uma cartilha nesses moldes. Eles exigiram que aparecessem mais fortes e bem apresentáveis. Desenhávamos as "donas de casa" sempre com uma vassoura, de avental, na cozinha. Ainda bem que aprendemos com nossos próprios erros. Peço desculpas pela figura caricata e, com certeza, não quis ofender pessoas pela cor da pele, até porque a maioria dos que provaram do sarcasmo de minha pena e nanquim eram brancos, por motivos óbvios: eles estiveram nos postos de comando e ainda são bem numerosos.

> Do mesmo jeito que desenhávamos operários magros, quixotescos, para denunciar o quanto eram explorados

Charge publicada em 20 de março de 1979

Amigos presos por nove anos

A Lei de Anistia só foi promulgada em agosto de 1979, portanto, cinco meses após essa charge ao lado, derrubando a ideia de que agosto é apenas mês do desgosto. A pressão popular não era pequena! Mas, na negociação, foi posto que ela seria de mão dupla. Sua revisão hoje, afastadas as condições de sua enunciação, é polêmica. E, caso se pegue agentes policiais de qualquer arma ou instituição, dá margem para que, numa indesejável reviravolta, num futuro, a recíproca seja cruel para militantes e ativistas de esquerda. Penso eu, que fique enterrada na história, e que não volte mais, nem em forma revisionista. Mas a história deve ser contada com todas as letras e que os nomes sejam revelados, dos vivos que torturaram e dos mortos e desaparecidos. Não acho branda a alcunha de torturador a quem quer que seja, mesmo que o sujeito sinta alguma ponta de orgulho, o que se revelaria algo bestial. Não há panos mornos para casos assim, nem coloração ideológica, seja militar, civil ou eclesiástica. A ideia de torturar o outro, em si, já é hedionda, independentemente da Lei assim determinar. A caveira trancafiada na charge é uma metáfora que denuncia a existência de presos políticos sobre os quais fomos tomando conhecimento aos poucos. O prefaciador do livro que está em suas mãos agora, Marcelo Mário de Melo, passou nove anos na cadeia, mantendo a sanidade à custa de seus escritos poéticos. Isso é impagável! Embora tenha quem faça pilhéria de quem recebe pensão "compensatória".

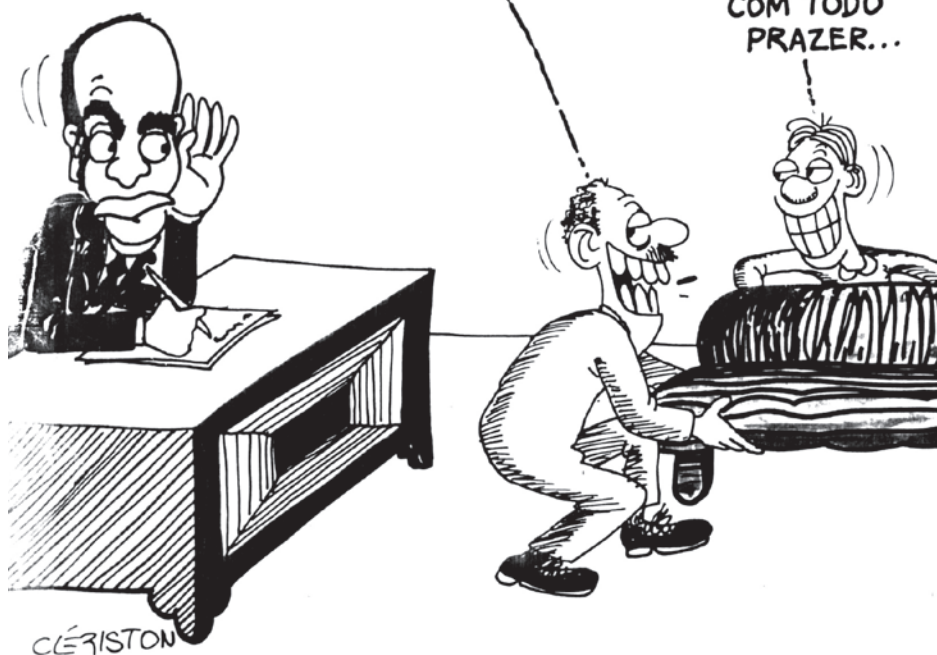
A ideia de torturar o outro, em si, já é hedionda, independentemente da Lei assim determinar

Charge publicada em 31 de março de 1979

Arraes taí de novo

Esse era o mote de sua volta como anistiado. O modo como se deu a intervenção no governo de Arraes, em 1964, tornou o marido de dona Madalena uma lenda viva. Durante anos, surgiram histórias mirabolantes envolvendo o homem dos pigarros. Pessoa conhecida afirma ter ouvido em uma feira em Belo Jardim uma trabalhadora do lar comentar: "Quando Arraia tiver no governo, tudo vai ser meu também, eu vou dormir na cama da patroa". Em meados dos anos 1980, achava intrigante o fato de Arraes viver às turras com os comunistas do PCB, fato que percebi ao menos pelo lado dos comunistas com os quais convivi em reuniões de simpatizantes, forrós pé-de-serra e carnavais. Mas o velho, como diziam os reacionários de plantão, era o mais empedernido dos comunistas, daqueles que tocavam fogo em canaviais. Em sua candidatura a governador, após o retorno, ouvia-o dizer dos palanques: "Iremos fazer aquilo o que deve ser feito para o bem do povo", ou era "a nossa gente". Lembro que fez eletrificação rural. De cá, diziam que o dinheiro arrecadado mal pagava a folha, na época. De lá, diziam o cão de Arraes, um poder hiperbolizado e promessas revolucionárias jamais ditas. Havia uma narrativa sobre ele da qual não se tinha controle. Como na época dos mitos, passava de um a outros pela oralidade. Tempos homéricos nos trópicos de pernambucâncer, como diria Jormard Muniz, nosso poeta e performer cultural. Mas, em lugar de poetas-rapsodo, que narrariam os mitos de cidade em cidade, tínhamos reacionários futriqueiros, coronéis rurais e do asfalto forjadores de fantasmas, para justificar seus capangas e atos violentos contra trabalhadores. Essa charge foi um sucesso absoluto. Recebi comentários e telefonemas. Eu mesmo ri muito, imaginando a cena, caso verdadeira fosse. A cidade estava em festa, ansiosa por receber Arraes, como se ele voltasse para terminar o mandato interrompido pelas armas. E, pra chatear, Marco Maciel era um governador biônico, ou seja, ilegítimo, ou seja, não eleito pelo povo. Isso incomodava. Daí a picardia paradoxal.

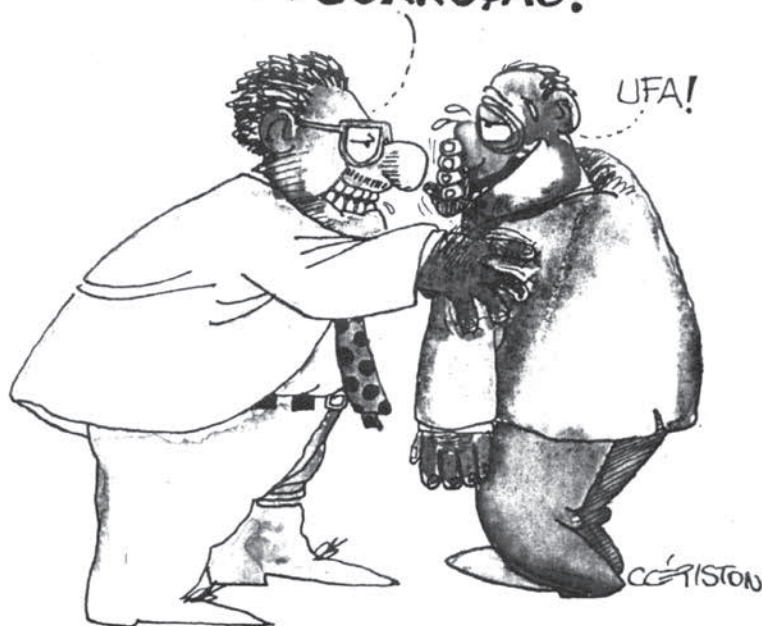
> "Quando Arraia tiver no governo, tudo vai ser meu também, eu vou dormir na cama da patroa"

Charge publicada em 18 de setembro de 1979

1980

Por falar em corrupção

Prefiro escrever corrupção com o acréscimo do "p", antes do cedilha, pois representa melhor o termo e o ato. P de poder, de prevaricação, de podre, planalto, político, parlamento, patifaria, patrão, picareta, pilhagem e por aí vai. Já corrução, sem p, fica para o cidadão comum: o estacionamento em fila dupla, o conhecido "molhar a mão do agente" pro documento sair mais rápido. E por aí também vai. Mas furar a fila ou molhar a mão do guarda pra não soprar o bafômetro após ter tomado duas taças de vinho, não são, necessariamente, um mal de lesa-pátria, um ato que pode resultar na morte ou na fome de milhares de pessoas. Ambas são uma doença social, digamos. Mas essa corrupção na "alta corte", envolvendo megaempresários, intermediários e agentes públicos de todos os poderes, são um câncer social – para usar um termo batido. Quando fazemos uma charge ou escrevemos uma crônica denunciando, mesmo com ironia, tais atos, não temos a pretensão de superioridade ou de arrogância. Mas convenhamos, se um de nós tem um espaço na mídia, um palco, um púlpito, uma tribuna, não convém calar. Quando publiquei essa charge no Diario, essas arenas ou possibilidades, eram as que tínhamos para dizer as coisas. O cidadão que não é político, artista, sacerdote, comunicador, não tinha lugar de onde pudesse ser ouvido. Gritar em praça pública com um megafone não está em nossa cultura, com a exceção dos evangelizadores. Hoje, digita-se uma frase num dispositivo móvel e essa voz pode correr os quatro cantos da Terra. Pode viralizar. Mas usa-se esse espaço fantástico para justificar corruptos de "direita" e "esquerda", culpando a imprensa, a perseguição política ou o nosso vizinho, nas mídias sociais. Atuamos como os pais que acobertam o filho que entupiu a privada da escola em que estuda.

> Corrupção na "alta corte" envolvendo megaempresários e agentes públicos são um câncer social

Charge publicada em 19 de janeiro de 1980

Dom Hélder e a pobreza

Certa vez fiz uma charge com Dom Hélder Câmara e ouvi a seguinte sentença: "O nome de Dom Hélder está proibidíssimo no jornal". Lembro-me disso na voz de Zenaide Barbosa, minha editora. Fiquei intrigado e perguntei a alguém na redação porque o nome do padre estava vetado. Disseram-me que era uma decisão dos órgãos de segurança, não sei qual deles. Mas o motivo era que "ele denegria a imagem do Brasil no exterior". Como assim? Insisti: "Ah, ele faz denúncias sobre a pobreza, essas coisas". Vejam que irônico: os temas da pobreza, da miséria e da exploração do trabalhador brasileiro eram recorrentes nas charges publicadas em todo o Brasil. Na época, muitas vezes eu nem lia o noticiário, simplesmente fazia, do meu jeito, o mesmo que Dom Hélder. Ah, mas não era no exterior. A propaganda sobre o milagre brasileiro era incompatível com a miséria visível. Não eram à toa os boatos de jogar mendigos na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro. Essa maldade era atribuída à Secretaria de Serviços Sociais do Estado da Guanabara, Sandra Cavalcante, logo após o golpe de 64. O grave era que, mesmo sendo boato, era verossímil, para muita gente, inclusive os alfabetizados na política. Para nós, essa gente era capaz de tudo. E eles, por outro lado, espalhavam que comunista comia criancinha, que nem o Lobo Mau. Certa vez, na Av. Visconde de Suassuna, durante uma campanha eleitoral, mesmo no início dos anos 1990, o pós-comunista Roberto Freire foi fazer uma graça com meu filho Renato, na época com uns dois anos. E não é que ele, mesmo em meus braços, caiu no choro? É claro que contei pros amigos: era piada pronta! Mas, no jornal, a piada era mostrar a incongruência entre a propaganda oficial ufanista e a vida das pessoas, dos trabalhadores assalariados e dos desempregados. Essa charge faz uma intertextualidade entre as condições de vida do trabalhador e as Olimpíadas de 1980.

Apesar da ironia, os temas da pobreza, da miséria e da exploração do trabalhador eram recorrentes nas charges

Charge publicada em 23 de julho de 1980

Tocando foco nas bancas

Era assim: eles e nós, sem meio termo. Quando se falava "terrorista", eu mesmo já entendia como "agente da direita – federal ou não – fazendo atos de terror para culpar a esquerda". Hoje, ou anos depois de ter feito essa charge, sabemos que alguns companheiros da esquerda cometeram atos que mataram, feriram ou puseram em risco a vida de pessoas que não eram o objeto do ato, ou seja, inocentes. Mas, indubitavelmente, sabíamos que, agentes do governo – paramilitares ou não – misturavam-se em passeatas e atos de protesto, para começar um quebra-quebra ou até dar algum tiro pro ar, pra justificar a acusação de vandalismo e baderna contra os ativistas e participantes. Eram chamados de "agentes infiltrados". Tem até filme com esse nome. Na época dessa charge, o murmúrio das ruas era o de que pessoas ligadas às forças de repressão – autorizadas ou não – estavam incendiando bancas de revistas que exibiam e vendiam jornais alternativos. A grande imprensa noticiava: "Mais uma banca é incendiada". As autorias eram desconhecidas, embora as suspeitas existissem. Gosto particularmente dessa charge, pois não era fácil juntar num mesmo enunciado a vontade de justiça, o ódio devido aos atentados e uma solução divertida. Era a porrada com graça. Muitos de nós pretendíamos ser contratados para fazer páginas ou tiras em quadrinhos nos jornais, mas os quadrinhos eram todos americanos, com uma ou outra exceção. Se os militares soubessem disso, mandariam os jornais contratarem a gente para desenhar aventuras. Mas sobrou para nós a charge e, nesse tipo de gênero, como diria o poeta Marcelo Mário de Melo, au au au, au au au, é pau, é pau, é pau.

> Autorizados ou não, estavam incendiando bancas de revistas que exibiam e vendiam jornais alternativos

Charge publicada em 30 de julho de 1980

O rei está de sunga

E de repente, como se fosse do nada, começam a circular na mídia imagens do presidente-general João Baptista de Figueiredo de sunga, usando legs e camisetas, praticando equitação, enfim, um presidente-atleta. Tem gente no mundo que precisa fazer muita ginástica para preservar seus empregos. Uma delas é aumentar o índice de popularidade dos governantes para os quais trabalham. Dizem que ninguém paga almoço sem que haja algum interesse no convidado. Ninguém manda fotos gratuitamente de seus chefes para os jornais, sem que haja uma meta, daquelas que se mede pelo IBOPE. Ainda mais sabendo-se que os editores disputariam as imagens do chefe da nação em trajes, digamos, mais intimistas. Se fosse hoje, a ideia seria a de viralizar um semblante menos carrancudo, mas, para desespero dos assessores de marketing, Figueiredo era um caso perdido. Quem não lembra, dez anos depois, do então presidente Collor jogando futsal, praticando judô, ou bancando o piloto de caça? Ora, se Figueiredo tinha hábitos saudáveis, estes não deveriam ser divulgados como se fosse um tiro de misericórdia, pois soam falsos e dão margem a piadas no meio da rua. Para os cartunistas, um prato cheio! O homem de sunga foi motivo de charges de tudo quanto é tema. Nesta, ao lado da crônica, fiz um jogo entre o sobe e desce, respectivamente, entre gasolina e o valor do cruzeiro, a moeda da época. Mas o gosto era desenhar o general sem a farda e as cinco estrelas. Era mostrar que a ditadura ficou pra trás e que seu rei estava nu. Ou de sunga.

Para desespero dos assessores de marketing, Figueiredo era um caso perdido

Charge publicada em 11 de agosto de 1980

Figuras da repressão e do medo

Os chargistas, sem qualquer combinação ou acordo, desenham figuras parecidas. Ninguém ordena: "Pessoal, ao representar a inflação, façam um dragão", mas todos rabiscam a fera. Alguém faz primeiro, depois outro e tcham, está criada uma alegoria para um gênero discursivo, como a charge. No caso desses agentes ditos federais, cumprindo ordens, agindo por conta própria ou em esquemas ilegais, os vemos como uma alegoria da repressão. Escrevo no plural, pois é enorme a quantidade de charges com essas figuras carimbadas, não só na imprensa, mas principalmente nos Salões de Humor que começavam a brotar no Brasil. Suspeito ser uma citação ou referência aos agentes da CIA e KGB dos filmes de espionagem. Desenhamos esses terroristas – é como pensávamos – com casacos no meio das canelas, às vezes deixando aparecer uma ponta da arma, sempre de chapeuzinho e, não raro, óculos escuros. Trata-se de um diálogo horizontal, dentro de um mesmo campo discursivo, o do gênero chargístico, que opera com técnicas gráficas assemelhadas; discorre sobre fatos da atualidade, particularmente os que circulam ou são evitados pela mídia; desperta ou é compreendido como de interesse coletivo. Nós, analistas da enunciação discursiva, nos referimos a esse fenômeno como intradiscursividade, quando certas ideias fazem sentido em um sistema de restrições semânticas – ou semióticas, mas isso fica pra outro livro. No universo dos quadrinhos, por exemplo, uma lâmpada acesa dentro de um balão de pensamento nos revela que alguém teve uma ideia. Isso se repete em gêneros que recorrem ao humor gráfico, como as charges e os cartuns. Mas, atenção: um dragão em uma história em quadrinhos pode ser, mesmo, um dragão. Ou uma azia estomacal. Dessas que davam na gente, no início dos anos 1980, quando se tomava uma cerveja e a patota de sua mesa começava a desconfiar daquele sujeito de paletó branco, alto, magro e barbudo. Juro que via essa figura quixotesca em Olinda, e na Aplle, um barzinho de posto de gasolina perto do prédio da Celpe. Meus amigos nem falavam de política, mas ficavam tensos. Aquele cara era a figuração do medo.

Agindo por conta própria ou em esquemas ilegais, os vemos como uma alegoria da repressão

Charge publicada em 13 de agosto de 1980

A alegoria da caserna de Platão

Perdão, não resisti ao trocadilho infame. Se "caserna" estiver aí no título em lugar de "caverna" no momento mágico em que você lê este livro, significa que sobreviveu à revisão. Mas, garanto, nem é tão infame assim. Platão descreve uma caverna subterrânea bastante profunda, onde há homens acorrentados ao chão, prisioneiros desde crianças e suas cabeças estão presas de tal maneira que só podem olhar em frente, para a parede da caverna. Por trás da fila de prisioneiros, há uma fogueira e seu brilho projeta na parede umas figuras, as únicas imagens que os prisioneiros conhecem, sendo elas próprias seu mundo visível. Como as paredes da caverna faziam eco, os prisioneiros ouviam os sons, para eles, provenientes das sombras. Então essa era sua realidade, pois não dava pra saber do fogo, nem do caminho ou das pessoas por trás deles. Quando fiz a charge, não havia lido Platão. Mas agora, inspirado nela, pensei no que vivia antes dos jornais alternativos e de alguns participantes da luta clandestina escreverem suas experiências na luta armada, como eram os bastidores dessa caminhada e seus momentos de glória e de sordidez. Só víamos as sombras projetadas nas paredes do discurso oficial e do que era tolerado na grande imprensa. É como se toda a mídia no Brasil fosse o Diário Oficial, fora as honrosas exceções. Era uma situação desconfortável, em que não havia eleições, mas havia a promessa da volta à democracia. Então, a imprensa alternativa era como o Sol, iluminando as coisas para o único prisioneiro que, segundo Platão, é solto e obrigado a virar ao contrário. A princípio ele não quer ver, deseja as sombras de volta, que compreende. Mas ele vai mais longe e, arrastado pela curiosidade, vê o fogo, as pessoas, os objetos, e finalmente sai da caverna e vê as árvores, os rios, os animais. Ele volta pra contar tudo para os que continuam acorrentados. Mas, cuidado, sempre há umas figuras contratadas para queimar tudo e nos deixar eternamente nas sombras.

> Só víamos as sombras projetadas nas paredes do discurso oficial e do que era tolerado na grande imprensa

Charge publicada em 15 de agosto de 1980

O riso é o escárnio do solene

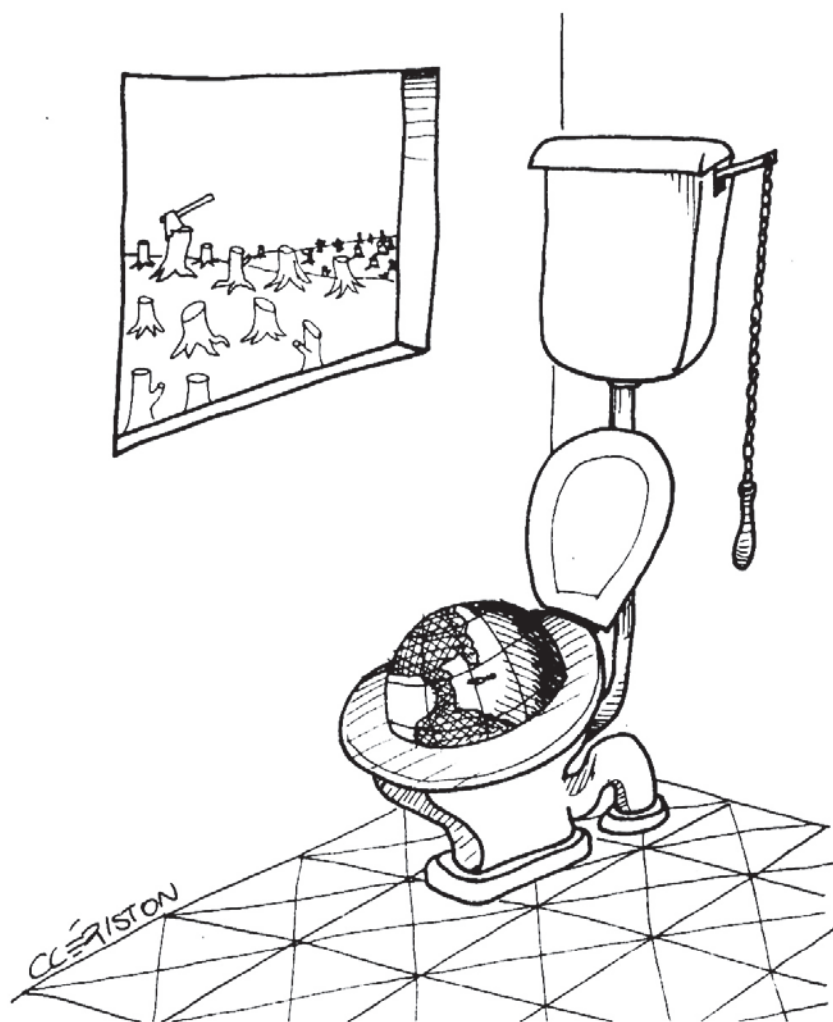
Nós somos os bobos da corte, sem aquela roupa extravagante. Na verdade, somos aquele tipo de pessoas que, quanto mais vêm pompa, reverência, liturgia, garbo, sisudez, cerimonialismo, subserviência, salamaleques, empáfia, autoritarismo e até brabeza, mais enxergamos o ridículo, o patético, o desprezível, o falso, o desequilíbrio, o risível. A charge é uma moeda de dupla face: humor e poder. Quanto maior o poder representado, mais o humor mostra seu ridículo. É a grande sacada de Chaplin. Sua graça está em desancar a autoridade do policial que está sempre em seu encalço, em desafiar os caras fortões, e a fazer de bobo os ricaços e autoridades, enquanto defende mocinhas e crianças. Lembro que em 1940, Chaplin deixou Hitler furioso ao demonstrar no filme *O Grande Ditador* o patético de seu histrionismo e a ameaça que o führer representava ao mundo livre. Na charge ao lado, à moda chapliniana, a face sinistra da ditadura é apresentada como uma comédia dos Três Patetas. Alguns sujeitos acusavam as charges de serem catárticas, de aliviarem o cidadão momentaneamente, para que esquecesse da panela de pressão em que estava enclausurado. Não desconheço essa válvula, essa trégua no medo, esse troco subjetivo nos algozes. Mas o importante era que se falasse, que se comentasse; que fossem os desenhos uma demonstração de que era possível tocar na ferida para que se pensasse na cura. Ainda hoje escarnecemos com humor nas redes sociais contra a sisudez que, não raro, é farisaica ou fascistoide.

Que fossem os desenhos uma demonstração de que era possível tocar na ferida e se pensasse na cura

Charge publicada em 29 de agosto de 1980

Cabeça, meio ambiente discursivo

Esta charge tem, pelo menos, uma dupla leitura. E cada um que esteja diante dela pode encontrar inúmeras outras. Começo com a redundante, que seria o perigo que o desmatamento traz para o Planeta Terra. Mostra, como pano de fundo, a insensatez do homem em obter lucros financeiros de modo irresponsável e ameaçador para o meio ambiente. Já numa interpretação da atmosfera política, social, econômica e cultural em que se vivia, era um grito contra o isolamento e a desesperança, através do sarcasmo. Mas eis que mergulho mais fundo nas entranhas da memória, e o que vejo? Minha sala de aulas no Colégio Americano Batista, o CAB, como cantávamos, "eternamente o nosso bem". Anos da ditadura, por volta de 1968, entra um homem alto, de paletó de linho branco e, sem olhar pra turma, faz um gesto pra baixo com a mão esquerda, e sentamos. Era Otaciano Acioly, professor de português, cuja sisudez eu admirava, pois achava que havia algum humor por trás da máscara. Até então, o homem só falava sobre gramática e redação. Mas nesse único dia, não sei o que deu nele, fez um discurso enérgico e enfático sobre uns estrangeiros que faziam pesquisa lá pela região amazônica. Levavam sacos de areia em helicópteros, para entenderem a formação de nosso solo. De repente, ele grita, como um ator de teatro, com veemência: "Que areia que nada! É minério!" Nunca esqueci disso. Permanecemos em silêncio, e entendemos – não sei quantos de nós – que aquela atitude era perigosa para o professor. A gente não sabia, sentia: estrangeiros roubavam nossas riquezas sob as barbas de um governo metido a cavalo do cão. É nessas horas que a pessoa vai percebendo de que lado está. Falo de princípios e crenças. É quando você vai descobrindo aos poucos sua própria formação discursiva, ideológica, ética, de suas carnes, nervos e espírito. E vai se somando ou se saindo, como dizem os baianos.

É nessas horas que a pessoa vai percebendo de que lado está. Falo de princípios e crenças.

Charge publicada em 28 de outubro de 1980

1981

Agentes, falanges e aeroportos

O objeto de deleite do agente da direita é o vaso com o galho, colocado estrategicamente para que se faça uma associação ou remissão à árvore de Natal. A isso dá-se o nome de intertextualidade, quando se convoca elementos de outros textos para corroborar com o que se enuncia. O humor para ser reconhecido como tal faz um jogo sedutor através de associações esdrúxulas, incongruentes, inusitadas, para apontar práticas espúrias entre pessoas e grupos organizados. A árvore natalina evoca o Cristo através da estrela posta em seu vértice, traz beleza visual com seus arranjos, e faz a alegria das crianças com os presentes em volta de sua base, abertos alegremente. Já a árvore no fundo da sala, nessa charge, por antônimo, evoca o terror, o grotesco, o crime, a violência contra outrem. Após os ataques a bancas de revistas em 1980, essas práticas retornam nesse primeiro semestre de 1981 – atribuídas a setores paramilitares, com suspeitas da participação de agentes da ativa, na tentativa de recrudescer a ditadura que caminhava lentamente em direção à normalidade constitucional. Havia braços organizados do regime, como o Grupo Falange Pátria Nova, que destruiu bancas de revistas com bombas, em Belém do Pará. No mesmo semestre, em abril, mais ataques a bomba em duas localidades no Rio de Janeiro davam o canto do cisne da ditadura, que ainda se arrastaria até a primeira eleição popular para a presidência, com a eleição de Fernando Collor de Melo, em 1989. Essa charge representa todos esses últimos meses, por que não dizer, anos, em que ameaças a bomba assombravam ou eram jogadas em gráficas e outros locais. Muitas delas, na tentativa de incriminar setores da esquerda ou da oposição ao regime, a fim de justificar um retorno à perseguição e a uma atmosfera inquisidora. Nunca é demais vigiar, olhar de lado. Tem sempre um grupo de pessoas desejando o fim da democracia e da liberdade de circulação do pensamento; de pessoas de baixa renda frequentando áreas nobres das praias e shoppings; e o fim da presença de viajantes pardos falando alto, com cartões de embarque no saguão de aeroportos.

Em abril, mais ataques a bomba em duas localidades no Rio de Janeiro davam o canto do cisne da ditadura

Charge publicada em 9 de junho de 1981

Ai daquele que disser ai

"Tá achando ruim, vá embora. Se é pra ficar aqui, que não reclame". É muito estranho esse zelo das ditaduras pelo espaço que controlam. Não se pode falar um tantinho assim, que fazem beicinho. O desagradável é que o mi-mi-mi pode vir acompanhado de baionetas em suas costas. Não faço drama. A história dos torturados, mortos e desaparecidos que o diga. E olha que a Comissão da Verdade nem terminou seu trabalho. Ainda há ossos debaixo do tapete. Mas, como vocês já notaram, esse livro é sobre a insustentável leveza dos seres no cotidiano. Daqueles que não pegaram em armas nem foram a passeatas. Sobre o não saber se se sabe alguma coisa. Sobre a desconfiança de que havia uma névoa cinzenta no ar do Brasil. Nesses anos contemporâneos, quaisquer dez pessoas queimam pneus na avenida e interditam uma cidade pelo efeito borboleta. Antes disso, orientei um trabalho de graduação na UFPE sobre a cultura do protesto, e os alunos fizeram um vídeo sobre sua cobertura jornalística. Era a filmografia da filmografia dos protestos. Eles ligavam para as redações e perguntavam onde haveria um protesto "hoje", e respondiam, "às três horas na frente da Celpe". Protesta-se dentro do gabinete de um reitor. Protesta-se contra o protesto dentro da Câmara de Deputados. Mas naqueles idos? Ninguém queria ser confundido com um subversivo. Aliás, o que eu mais via nas ruas eram soldados. Subversivos, jamais os vi, a não ser em fotos de cartazes, na Av. Guararapes. Não tive conhecimento, por exemplo, do prefaciador deste livro, preso como subversivo durante nove anos. Qual a atividade periculosa de Marcelo? Recitar seus Ais, ou escrevê-los, afinal MMM sempre foi poeta. E já foi-se o tempo em que, para os gestores e guardiões da nação, poeta bom era poeta preso. A não ser que cantasse "esse é um país que vai pra frente".

Naqueles idos, ninguém queria ser confundido com um subversivo. O que eu mais via nas ruas eram soldados

Charge publicada em 22 de agosto de 1981

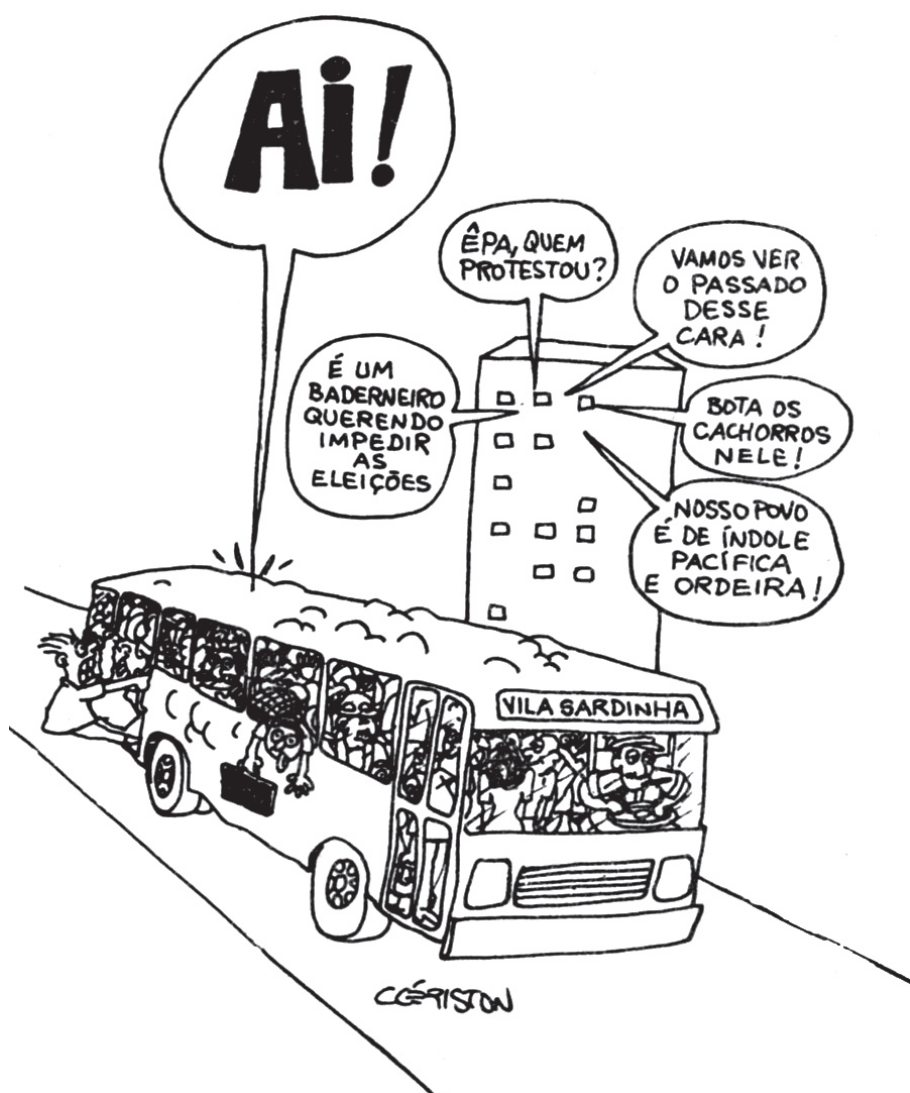



Fig não fez juz nem a nosso ódio

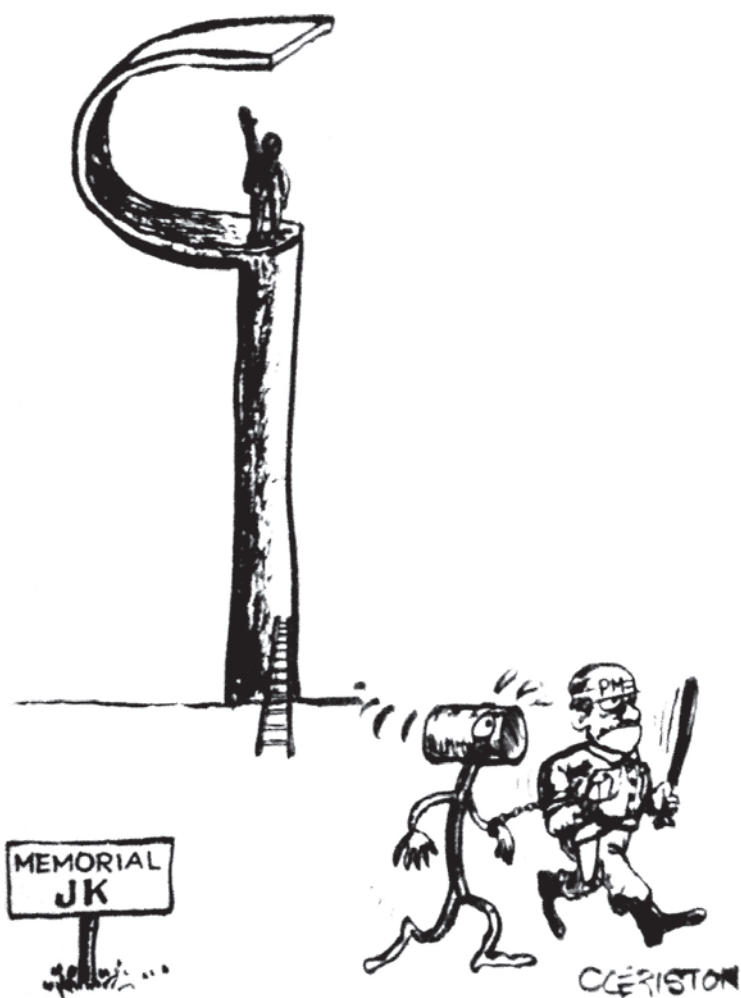
Eu via o general Figueiredo como um prisioneiro do sistema. Jamais o imaginara articulando algo. Era um tarefeiro, como se dizia pejorativamente entre a militância de esquerda, já quando eu era universitário tarefeiro era aquele indivíduo que participava do movimento, mas não era tido como formulador. Em meu imaginário, o general Geisel o escolhera para cumprir a derradeira tarefa de ser o último general a vestir o pijama, após a faixa verde-amarela. Olhem só o desenho! O presidente da República esperando o jantar, sobre o qual não tinha controle. O garçom era o ministro do Planejamento, Delfim Netto, que anuncia a iguaria com certo cinismo. Figueiredo torce o pescoço para ver um porco cortado pela metade e, pelo jeito desengonçado com que segura os talheres, parece desconcertado e surpreso. A toalhinha envolta em seu pescoço faz alusão aos babadores usados pelas crianças que ainda não estão preparadas para comer sozinhas. Os óculos escuros, de quem quer ficar distante, sem ser incomodado pela claridade da realidade orçamentária. E olha que era só o começo do mandato. Talvez por isso não odiássemos Fig. Escolhemos o Delfim para demonizar.

Os óculos escuros, de quem quer ficar distante, sem ser incomodado pela realidade orçamentária

Charge publicada em 26 de agosto de 1981

A piada de Niemeyer

Pois é: os tais setores conservadores da sociedade ficaram coléricos com o Memorial JK, particularmente pela escultura caricaturada na charge, que fica do lado externo do museu. "Viam naquilo o símbolo do comunismo". Seria por que seu Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares Filho, o arquiteto idealizador, era comunista? Que coincidência notável! Em 1981, comunista ainda era palavrão. Se um dos filhos desses conservadores pronunciasse a maldita em casa, teria que escovar os dentes com sabão e rezar dez ave-marias. Oscar sonhava em realizar em plena capital federal uma escultura monumental de seu símbolo amado, a foice e o martelo. Então viu, na oportunidade de homenagear Juscelino Kubitschek, o JK, a possibilidade de ter seu desejo atendido, sem recorrer à fada do dente. Bem, que martelo que nada, era apenas uma construção geométrica modernista, com a figura do ex-presidente escarrada e esculpida lá no topo. Na charge, atendendo às forças conservadoras, o PM escolta o preso, devidamente algemado, e todos ficaram felizes para sempre.

Comunista ainda era palavrão. Se filho pronunciasse a maldita em casa, teria que escovar os dentes

Charge publicada em 27 de agosto de 1981

Um verdugo em nosso calcanhar

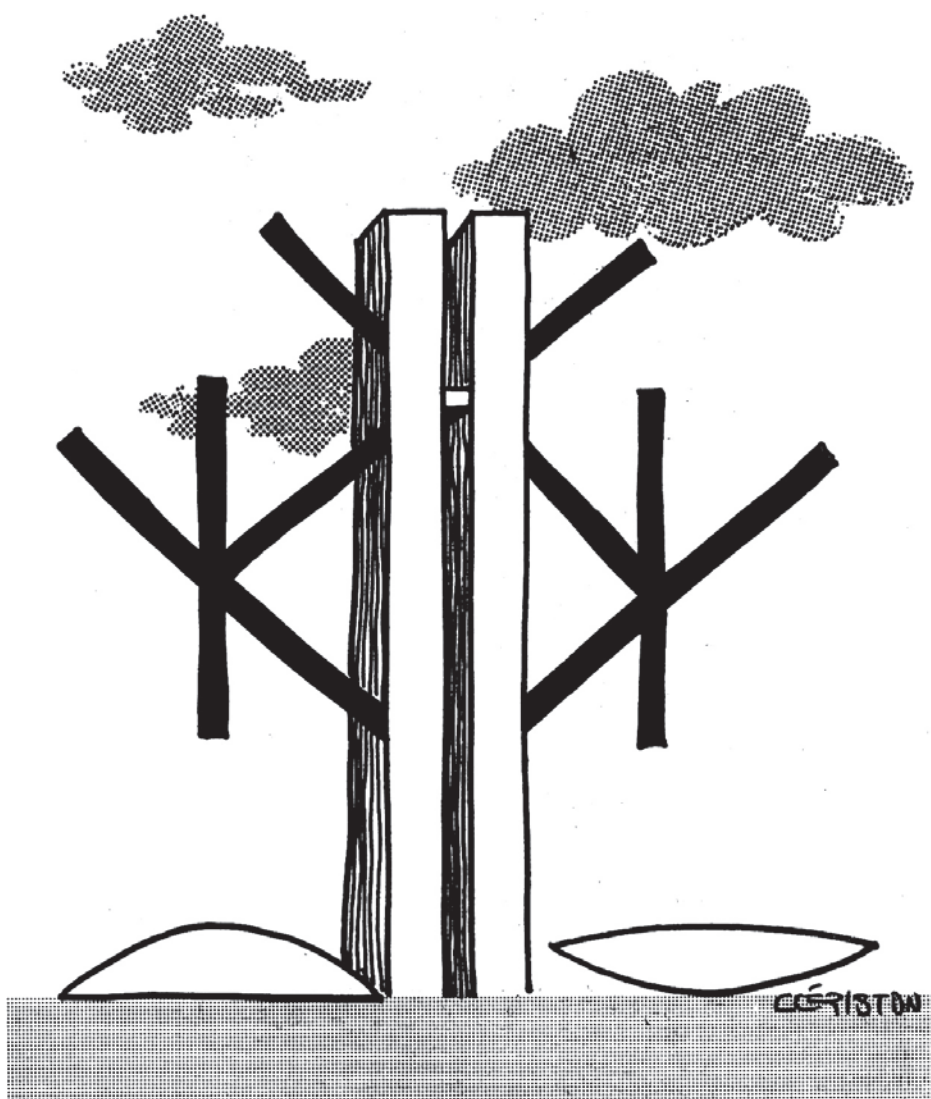
Eita, essa é a charge da capa. Emblemática. O verdugo, símbolo da morte, versus a árvore, da vida. O "cansaço" do sujeito encapuzado leva à dedução de que ele anda bastante ocupado censurando músicas, textos de teatro, roteiro de filmes, currículos escolares, organizações civis de trabalhadores urbanos e rurais. Obviamente trata-se de uma alusão ao torturador, como se estivéssemos burlando qualquer tipo de censura prévia ou posterior. Pode-se ver, também, a árvore da democracia, do tecido social que deve ser separado de suas raízes, para que não dê frutos. Qualquer ditadura é a metáfora de um deserto de possibilidades de desenvolvimento cultural e de vida social em comum, livre do arbítrio de uma turma armada. A partir dos anos 1970, com a proliferação de Salões de Humor e de jornais alternativos à chamada grande imprensa, começam a aparecer esses carrascos, muitas vezes colocados como figuras estúpidas desafiadas por palhaços inteligentes ou galhofeiros. Era recorrente opor nos cartuns a alegria e a alegoria do circo face a esses verdugos, sempre sem camisa, corpulentos, sem mostrar o rosto. Sabíamos quem eram os ditadores, mas eles diziam que faziam parte de um aparato revolucionário para tirar o País da anarquia, do perigo do comunismo, da ameaça de uma nova Cuba ou de qualquer outra razão rocambolesca. Foram passar uma chuva e passaram mais de 20 anos. Fizeram promessas e não cumpriram, talvez já mordidos pela mosca do poder político. Mas o perigo extra era o poder da bala, que dava suporte à Leis de exceção, como os AI-5 da vida que, por sua vez, davam a figuras energúmenas a decisão de matar ou não, em nome da segurança nacional. Sempre que ouvia a palavra "segurança", tinha a impressão de que algum cão sairia do nada e morderia meu calcanhar.

Carrascos, muitas vezes colocados como figuras estúpidas desafiadas por palhaços

Charge publicada em 20 de outubro de 1981

A reversão da reversão e o não-riso

Confesso, todo cartunista é iconoclasta. Faz parte da lógica do humor. Faz-se graça com o estabelecido, com o conhecido, com o socializado, com o pleno em poder simbólico. E dificilmente se faz graça elogiando, destacando os pontos positivos. Numa linguagem não acadêmica, a ordem é avacalhar. Uma das estratégias é a fusão ou justaposição de dois elementos, formando uma nova unidade de sentidos. Junta-se um homem e um par de chifres, e você tem você sabe o quê. Junta-se um homem e um nariz de madeira, e você tem um mentiroso. Junta-se um sócio e 30 dinheiros, e temos um traidor. Normalmente um dos elementos empresta interdiscursivamente sua coloração valorativa ao outro. Nesta charge há uma briga de foice no escuro: não temos a ovelha e o lobo disputando a hegemonia entre o bem e o mal, ou entre o bom e o mau. Temos, nesta charge, dois ícones igualmente desgastados entre a população: o Congresso Nacional e a logomarca do INSS, o Instituto Nacional do Seguro Social. Se dizemos que o humor pode ser obtido através da reversão da expectativa, trabalhamos aqui a reversão da reversão, isto é, juntamos a fome com a vontade de NÃO comer. O sujo com o mal lavado. O espinho com a rosa murcha. Por outro lado, há uma reciprocidade nula! No máximo uma soma de malvadezas. Nesta charge estaria o "não riso"? É dureza, o mesmo Congresso que seria a esperança de uma nova Assembleia Nacional Constituinte, do comando da luta pelo restabelecimento pelas eleições diretas, as "Diretas Já", tinha em seus quadros apoiadores do regime de exceção, de representantes das oligarquias rurais, do empresariado retrógrado, entre outras forças conservadoras e reacionárias. E, entre os quadros de esquerda, tínhamos toda a sorte de caráter, alguns só revelados adiante. Quanto ao INSS, era o de sempre: filas, mal atendimento, os cálculos das aposentadorias, e histórias de corruptos agindo contra o patrimônio. Irônico é que qualquer esperança de melhora na previdência pública passa pelo próprio Congresso. Na charge, eles estão encangados, para o bem ou para o mal: sai ditadura, entra democracia.

Há uma reciprocidade nula, uma soma de malvadezas. Nesta charge estaria o "não riso"?

Charge publicada em 27 de outubro de 1981

1982

Figueiredo e a graça de sua sizudez

O general Figueiredo era um ser humano, como qualquer outro, exceto pelas escolhas pessoais que nos diferenciam a todos. Era público e notório que ele não queria estar ali. Estava cumprindo uma missão que lhe fora designada, uma ordem superior. Bom soldado que era, assumiu os riscos e, para nós, uma fábrica de risos. Fig era tão sisudo que se tornava engraçado, principalmente quando tentava ser descontraído – aí a referência ao ser humano que era –, ao sacar do bolso algumas frases para os holofotes, como dizem hoje. ¨Meu coração é uma fábrica de democracia¨ é bonitinha, me marcou por sua singeleza. Sim, não vou aqui cagar raiva, como dizem no popular. Tinha mais raiva dos homens ditos esclarecidos, que pegavam carona nas portas abertas daquele tipo de governo para levar vantagens de toda ordem, lesando os cofres públicos. Sim, senhores, os atos de corrupção não haviam sido debelados durante o governo militar, pois eles tinham e tiveram mais olhos para o que os estudantes liam, com quem se encontravam e o que discutiam. Basta entrar no Google e entrar nas listas de acontecimentos durante o regime militar que causará espanto a quantidade de eventos e embates contra estudantes, professores, UNE, universidades e, claro, a imprensa. Essa charge, na época, achei tão ingênua e divertida quanto o último presidente fardado. Essas impressões que tinha desse general não eram de segunda mão, nem de leituras, nem de ouvir dizer. Eram fundamentadas, principalmente nas próprias aparições públicas do presidente e de suas declarações aos jornalistas. Mas, juro, ele não tentava, absolutamente, ser engraçado. E quando fazia blague, era como a atual presidenta Dilma. Não levava o menor jeito. A mim só cabia registrar tais impressões. Risíveis por elas mesmas.

Tinha mais raiva dos homens esclarecidos que pegavam carona naquele tipo de governo para levar vantagens

Charge publicada em 29 de agosto de 1982

Eu quero é mocotó

Lembram daquele quadro de Pedro Américo, com D. Pedro I empunhando a espada e bradando "Independência ou morte!"? Pois é, em novembro de 1970, parte da redação do semanário O Pasquim foi presa, por ter trocado, no jornal, a frase célebre – que dizem que nunca foi proferida – por outra: "Eu quero é mocotó!". Os militares teriam considerado a brincadeira extremamente desrespeitosa. Vejam só em que raios de País vivíamos. Doze anos depois, publiquei essa charge, no Diario de Pernambuco, em pleno dia 7 de setembro. Primeiro, ela passou pela autocensura do jornal; depois, foi para as bancas e o jornal não foi apreendido; e, por último, eu não fui preso nem ameaçado. O pessoal do Pasquim deve ter dado boas risadas quando Jaguar escreveu a substituição no balão, mas nenhum deles se imaginaria atrás das grades por tamanha bobagem. Esse fato é mais uma metáfora, mesmo tendo sido um fato, do que acontece num regime autoritário, quando o Estado se vê absoluto. O Estado sou eu, dizia o Rei Sol, na França do século XVII. Faz poucas décadas, por aqui, o Estado eram as Forças Armadas. Sendo mais preciso, o Estado era a Junta Militar, cujos membros julgavam-se deuses do Olimpo. Ora, vamos, era preciso desmistificar e isso teria que partir da própria sociedade através de seus meios de comunicação. E o humor, por que não, é sempre um termômetro. Em 1970, era tempo nublado sujeito a pancadas. Em 1982, o tempo era parcialmente nublado, podendo chover no fim da tarde. Num estado de direito, o cidadão pode sair de casa, dizer o que pensa, e voltar ao lar tranquilo e em paz. Isso é segurança nacional. O resto é o terror.

Em 1970, era tempo nublado sujeito a pancadas. Em 1982, o tempo era parcialmente nublado

Charge publicada em 7 de setembro de 1982

Sempre há lugar para essa triste figura

Estávamos a um mês das primeiras eleições diretas para governador, desde os anos 1960. Marco Maciel era o governador biônico de Pernambuco e Roberto Magalhães, o seu vice. Os candidatos do governo, ligados ao regime militar perdiam terreno de eleição em eleição. Desta vez, ainda ganharam para o executivo, numa eleição difícil, derrotando o senador Marcus Freire, um membro do chamado grupo autêntico do MDB. Nós da esquerda éramos os honestos, que ganharíamos a eleição pela conquista do voto do eleitor. Do lado de lá, da chamada direita, havia acusações de fraudes de várias naturezas criativas ou impositivas. Circulava uma história anedótica, que narrava o seguinte: o homem rural entregava o título na entrada da seção de votação e assinava a folha de votantes. Na saída, perguntava ao manda-chuva do lugar: "Em quem votei?" E ouvia de volta: "Não interessa, não sabe que o voto é secreto, rapaz!" Lembro de um caso em que o mesário acoplou um carimbo no dedo que marcava xis nas cédulas de quem votava em branco. Esse foi preso, que me lembre. Mas a charge se referia ao período pré-eleitoral, quando diziam que os funcionários públicos eram pressionados através de diferentes estratégias de persuasão. Ela mostra os famigerados dedos-duros, que "entregavam" funcionários que, por ventura, fizessem campanha para a oposição ou que se recusassem a comparecer em atos de apoio aos candidatos do governo. Ainda hoje é assim, acrescido das pressões pelas redes digitais. De vez em quando, estoura um escândalo por conta disso. Quanto a nós, os honestos, não sei onde perdemos o pudor, se é que algum dia o tivemos. Mas conheço, ainda, uma penca de caras que foi às ruas sem querer nada em troca, pra ter que ver hoje em dia esse espetáculo deprimente de acordos com o capital. Acordos não, negociata. Mas quem vive de esperança não passa fome.

O mesário acoplou um carimbo no dedo que marcava xis nas cédulas de quem votava em branco

Charge publicada em 14 de outubro de 1982

O fermento do humor

Vou lhes contar uma história. Vinha eu voltando de mais um clássico das multidões entre Santa Cruz x Sport, ocorrido no estádio José do Rego Maciel, o mundão do Arruda, como dizem os tricolores. Quando passava pela av. Agamenon Magalhães, pelas cercanias de Santo Amaro, vi dezenas de ônibus "especiais", passando ao lado do meu fusca, lotados com pessoas das chamadas regiões periféricas. Não, amigos, elas não voltavam do jogo, como eu. Estavam com bandeirolas do PDS indo para um comício. Hoje em dia todos os partidos levam, têm dinheiro, exceto os partidos realmente nanicos. Os empresários da construção civil, dos transportes, das companhias de segurança privada, as organizações patronais, industriais, o agronegócio e banqueiros soltam uma graninha para todos. Tanto legalmente, quanto por baixo do pano. Estão aí as ações do Ministério Público e da Polícia Federal prendendo gente graúda, como nunca se fez. Mas nos idos 1982, não era assim. A oposição dependia mais da doação de assalariados de classe média, incluindo seus serviços gratuitos. Eu frequentava comícios, conhecia o entorno. Não é que ninguém conseguisse um transporte para os pobres que viessem de longe, mas era uma coisa modesta. Já o partido do governo, que detinha a máquina por quase 20 anos, tinha tudo e mais um pouco. Ao chegar em casa, peguei meu recorte de papel schoeller, minha caneta Stadler e danei a desenhar ônibus que não acabava mais. No balão, a frase galhofeira. Na segunda à noite, alguém do Diario me disse que o senador biônico Aderbal Jurema ligara para o jornal reclamando o seguinte: "A gente gasta milhões pra fazer um comício, e vem um chargista e estraga tudo". O Diário continuou vigilante comigo, mas nunca comentou o caso. Eu achei um exagero gigantesco, uma choradeira despropositada. Mas não teve quem tirasse um riso no cantinho de minha boca por algumas horas. Pense num orgulho besta! Ah, na época, os chargistas estavam proibidos de escrever siglas e fazer caricaturas, mesmo (e por isso mesmo!!!) em período eleitoral. Restou-me desenhar o vice, Gustavo Krause, de costas, fazendo o comício e a charge ficou melhor. Proibição parece que é um fermento para o humor.

> O Senador teria reclamado: "A gente gasta milhões pra fazer um comício, e vem um chargista e estraga tudo"

Charge publicada em 2 de novembro de 1982

Pronto, falei

Até hoje fico internamente inconformado com o tamanho do Brasil, com a disponibilidade (só que não) de terras férteis que daria pra assentar tudo o que é sem-terra, sem-teto, mendigos e demais pessoas em situação de miséria, fato que fere o bom senso. Nem precisa de reflexões profundas. Essa charge foi publicada um ano depois de uma viagem que fiz de ônibus do Recife até o Rio de Janeiro, com paradas de alguns dias em Salvador e Belo Horizonte. Conheci melhor as três capitais e algumas cidades de Minas e do Rio. Mas nada, nada mesmo, me impressionou tanto quanto a quantidade de terra que não acaba mais durante o trajeto pela Bahia e Minas Gerais – só pra ficar nesses dois Estados. Terra plana, boa, com passagem de riachos, com mato verde, algumas extensões delineadas por arame farpado. Mas, ninguém, ninguém, em quilômetros a fio, ocupando o solo, morando ou trabalhado nele. A vista era bela, mas não havia como não enxergar o paradoxo do contingente de errantes em busca de nada, pelas cidades. Desse ponto de vista, é claro que é sedutor imaginar uma economia planificada, prometida pelos sistemas de governo comunistas. Como essas sociedades deram, relativamente, com os burros n´água, sobrou o velho e surrado capitalismo que, como preconizara Marx, tem uma capacidade de extraordinária de renovar-se, transformando tudo em mercadoria. Pense no movimento de contracultura hippie, que revive na estética de roupas, adereços e na indústria da música. Paz e amor? Ah, também estão contempladas em camisetas, estojos e almofadas. O ideário de Che Guevara está diluído em sua face iconizada. Bonés, camisetas, mochilas, toalhas e bandeirolas de movimentos sociais. Pois é, restou algo de seu espírito libertador. Mas o capitalismo erra grosseiramente, quando usa as terras como capital especulativo, como se não fosse, de fato, terra dos brasileiros e sim de alguns brasileiros. Façamos uma proposta: se para muitos esse contingente de mão-de-obra (é só o que possuem) é de vagabundos, como apregoa boa parte dos que protestam de verde e amarelo, que se redistribuam as terras, que se dê assistência técnica e crédito, e que sejam abolidas a esmola e a caridade piegas em nosso solo. Ah, e que essas terras não possam ser vendidas antes de 120 anos de sua ocupação legal. Essa é também uma dica pra quem quer destruir a esquerda: uma reforma agrária de verdade. E o Brasil continuaria tão rico, e menos pobre.

O capitalismo erra grosseiramente, quando usa as terras como capital especulativo de alguns brasileiros

Charge publicada em 4 de novembro de 1982

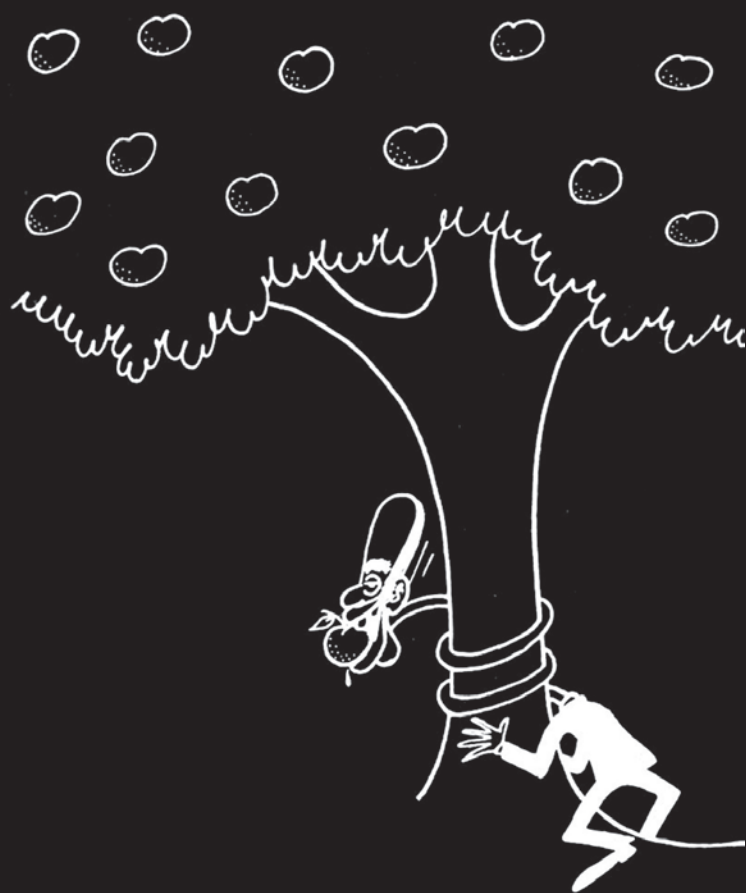
Sobre gado, esquerda e independência

Se este livro agora em suas mãos defende a liberdade de expressão, a igualdade em termos de oportunidades de gênero, etnias e posição social, então trata-se de uma publicação de esquerda. E esquerda, ainda em 1982, significava tudo isso e mais: honestidade, ética, compromisso social, fraternidade e diversidade cultural. Ah, alguém sabe alguma história que desminta isso, sem problemas, também sei várias. Mas eram as exceções que confirmavam a regra. Por isso, havia uma inusitada união entre pessoas de microideologias tão variadas. Mas no atacado, todos andávamos juntos em passeatas, comícios e, por que não, em festividades, e carnavais. O de Olinda que o diga. Na praça do Carmo, você poderia tomar uma cana de cabeça ou saborear um arrumadinho em barracas de partidos diferentes, em cada dia de reinado de Momo. As esquerdas avançaram a ponto de transformar a ARENA no minúsculo DEM, passando pelos decadentes PDS e PFL. Enquanto isso, o guerreiro MDB, explodiu em PMDB, PSDB, PTB, PP... aí já miscigenando tudo com sucedâneos da direita. Mas as sucessivas e acachapantes vitórias progressivas nas urnas culminando com o PSDB, que já foi de esquerda, e depois o PT, que já foi o paladino da ética, escondiam algumas histórias bizarras quanto ao modus operandi de sua militância e dirigentes. A performance que mais me irrita é essa, referida na charge: quando se glorifica ou se enaltece um ato de repressão, portanto, um abuso contra si mesmo, como uma vitória: "Uniu a classe", "Solidificou o movimento", "Bombou na mídia". PQP, ouvi esse absurdo em greves inoportunas e pífias na UFPE, com alunos prejudicados, calendário idem, vantagem financeira zero... e vinha o militante empedernido (com todo o respeito a esses valorosos companheiros de luta) com esse papo furado de que o movimento foi vitorioso pois uniu a categoria, que "estava dispersa". Coisa nenhuma. Eu sei, pois compareci às assembleias fajutas, quando o comando deixava a votação sobre a greve para perto das 14h, quando a maioria dos professores que estavam desde cedo tinha que pegar filhos nas escolas, almoçar e retornar para as aulas da tarde. Resumindo, os grupelhos organizados queriam dos professores só o quórum. Depois, a minoria restante votava o que quisesse, tendo algumas greves sido "decididas" meses antes, em alguma reunião "do comando" em São Paulo. Assim, fiquei na luta como "independente". Hoje um grupo numeroso de quem não tem vocação pra gado no pasto.

Me irrita quando se glorifica um ato de repressão como uma vitória: "uniu a classe", "solidificou o movimento"

Giocondo: Prisão foi benéfica

SÃO PAULO — O secretário-geral do coletivo nacional de dirigentes comunistas — o Comitê Central do PCB —, Giocondo Dias, afirmou, ontem, que a prisão e o encerramento do seminário dos comunistas, pela Polícia Federal, na segunda-feira, ao invés de prejudicar, foram altamente benéficos para o partido.

Charge publicada em 18 de dezembro de 1982

1983

Delfim Neto, o inimigo público número 1

Não há exagero nas palavras aspeadas a seguir: "Delfim Neto tornou-se o inimigo número 1 do Brasil", pelo menos para os cartunistas. Posso afirmar isso, pois, por ser um deles, acompanhava a produção nacional através de diversas fontes. Ele estava para nós como o Coringa estava para Batman e Gothan City. Como o general Figueiredo não tinha um discurso capaz de dialogar sobre os destinos do País, particularmente, no campo do planejamento e decisões econômicas, Delfim era o cara. Ele tinha a chave do cofre. Antes havia sido ministro da agricultura, o que rendeu ótimas charges, visto que a compreensão, obviamente, caricata, era a de que ele não sabia distinguir um melão de uma melancia. Convenhamos, não entendíamos de economia, mas, pelo fato dele estar do outro lado da cerca, coisa boa não viria pra nós, povo ou sociedades civil. O formigão da charge que estaria acabando com o Brasil era o próprio Delfim. Aqui pra nós, ele praticamente roubou a cena dos militares. Sempre o achei cínico, irônico, o que não era um absurdo. Ele não tinha povo pra prestar contas, pois quem o pôs lá não foi o voto. Então ele fazia gracinhas com a imprensa e conosco. Lembro da frase: "Vamos primeiro deixar o bolo crescer, depois dividimos". Até hoje esperamos.

Sempre o achei cínico, irônico. Ele não tinha povo pra prestar contas, pois quem o pôs lá não tinha voto

Charge publicada em 6 de janeiro de 1983

Da ditadura à democracia, carros-pipa

Gosto do visual dessa charge, um negócio meio Tarsila do Amaral, meio surreal. Dela pode-se extrair dezenas de efeitos de sentidos. Agora mesmo, enquanto digito, notei que os sujeitos parecem estar rendidos, que nem quando o caubói diz "mãos ao alto". Mas a ideia mesmo era de que essas reuniões de combate à seca existiam para assaltar o povo, comprar sua consciência com carros pipa e, de quebra, seu voto. Conheci esse negócio como "indústria da seca". Os coronéis sem patente não tiveram e até hoje não têm interesse em resolver o caso, pois suas ações emergenciais e de última hora os colocam em cada região que sofre com a falta de chuvas como "salvadores da pátria". Queria ver uma exposição de fotos em preto e branco com senhoras idosas beijando as mãos desses sujeitos, pra examinar a expressão de seus rostos. Me arvoro a dizer que seria capaz de decifrar seus olhares, suas rugas de (in)expressão, os risos nada enigmáticos, o gestual falsamente humilde, tentando esconder a soberba. Pergunto, o que é mais importante para o Brasil, uma Copa do Mundo ou o infortúnio da seca? Nem preciso responder, houve Copa.

"Indústria da seca": os coronéis sem patente não tiveram e até hoje não têm interesse em resolver o caso

Charge publicada em 26 de março de 1983

Narrativa do declínio em várias vozes

Charge não se explica, no máximo se contextualiza. Peço permissão para ser redundante, de escrever o que você já está vendo. Mas bateu uma vontade danada. Então, leia comigo, e veja se bate mesmo com seu olhar. Se não, ganhamos todos. Se sim, somos cúmplices por mais de 20 anos. Primeiro, vamos à questão da autoria. Sim, fui eu quem desenhou, mas o autor teve seu momento naquele setembro, conforme as condições de enunciação que tinha. Aqui não está mais o autor, mas o cronista, também um leitor da charge. Vejam quantas pessoas numa só, e isso vale para todos. 1) O cidadão; 2) O chargista; 3) O autor deste livro; 4) O cronista; 5) O leitor da charge; 6) O revisor; 7) O crítico – que apaga e reescreve; 8) O editor, que aprova; 9) o segundo crítico, aquele que se arrepende do que disse; 10) O empreendedor, que irá fazer palestras para fazer o livro circular. Cada sujeito desses tem autonomia em sua própria instância. Se há conflito entre eles? Claro! O cronista acaba de redigir uma frase, e exclama: "Massa!" Dez minutos depois, o crítico diz: "Isso é inadequado, ou dará margens a interpretações que poderão ter efeito contrário aos propósitos do cronista". Chega, voltemos ao eu-lírico, como diz minha filha de 10 anos, ao fazer a tarefa da escola: vejo desolamento, uma árvore seca, porém única, poderosa. As raízes parecem fortes, mas não protagonizam o enunciado. Parece prestes a morrer, talvez a ditadura já moribunda. Os frutos parecem todos podres – caso você seja uma pessoa de esquerda. Caso seja de direita, talvez tenha visto abelhas. Mas, como conheço um pouco o autor por dentro, diria que ele desenhou um fruto prestes a estourar no chão, como uma jaca podre. Delfim Netto não era mesmo a raiz de todos os males. Vejam que coisa louca: o autor, na época, concordando com a fala de seu protagonista, para criticá-lo. E, realmente, ele não era a raiz de TODOS os males. Tinha muito mais gente debaixo do tapete.

A ditadura já moribunda. Os frutos parecem podres. Caso seja de direita, talvez tenha visto abelhas

Charge publicada em 1 de setembro de 1983

O mais gordo e o descalço

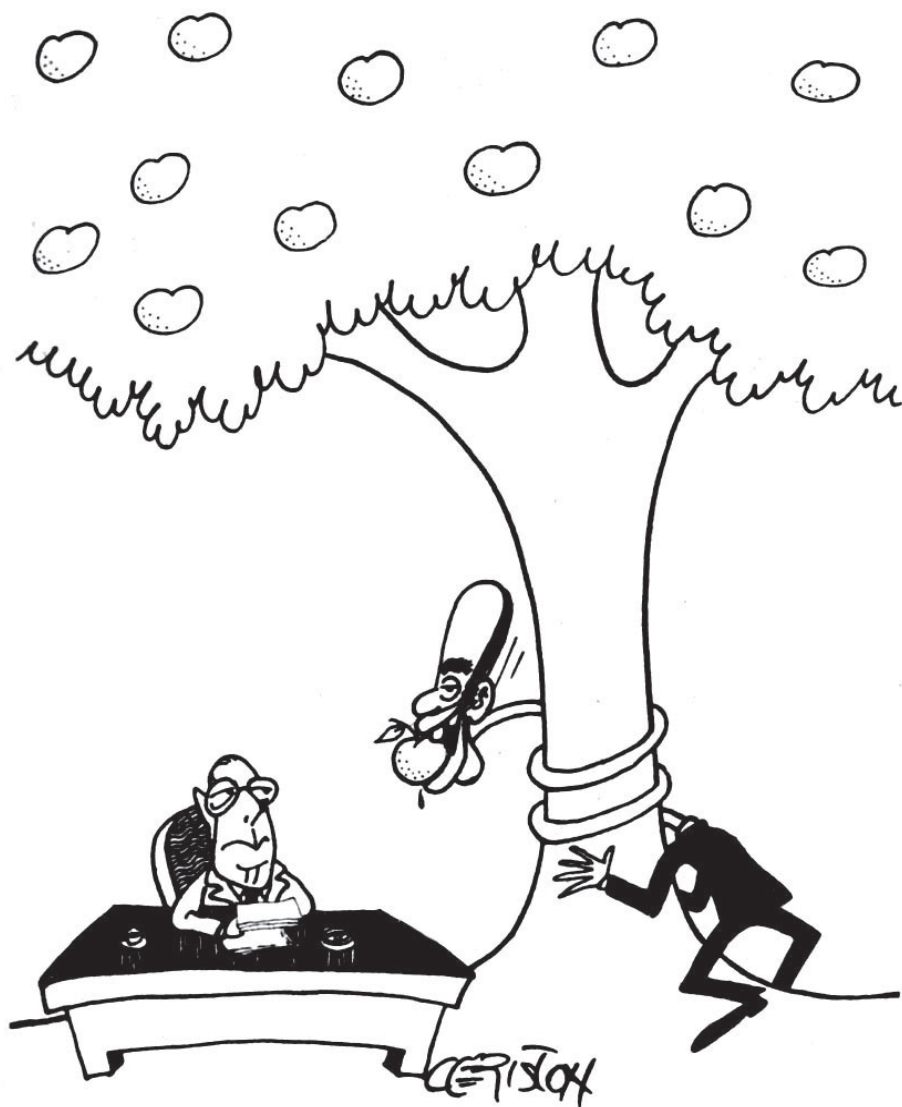
Essa charge é um requadro de uma história em quadrinhos que nunca foi construída. Não foi, vírgula! Desafio quem não imaginou ao menos uma tirinha clássica, dividida em três tempos: esta seria a parte do meio, provavelmente respondendo a uma provocação do trabalhador rural. Cada um que pense no que ele teria perguntado ou comentado no quadrinho introdutório. E no desfecho, poderia aparecer o trabalhador com aquela cara final do bode gaiato. Mas também, como diriam os Papa-figos Bione e Zé Teles, peço vênia, meteria a enxada no toitiço do fanfarrão às avessas, retrucando: "Apois eu sou pau pra toda obra". E Tarantino finalizaria a cena com esguichos de sangue entrando em ebulição na terra quente. É assim, você está fazendo uma crônica e entram esses sujeitos, sem nem pedir licença. Mas dia desses, eu tava numa crônica de Teles, sobre a Banda Pão com Banha, que chegou até a abrir show do humorista cearense Falcão. Ah, e tem a voz do Word grifando "toitiço", para que eu o substitua por "toutiço". Não atendi, e ainda o escrevi com aspas também. Ok, vingança besta. Mas quem não tinha nada de besta eram os sujeitos representados pelo falante nessa charge. Esse homem de paletó de linho branco apoiado num carro tipo Landau, da Ford, repete um tipo descrito por Gilberto Freire, como o coronel brasileiro, desses assim autodenominados por possuírem terras ou fazendas, embora não dessem um dia de serviço pra seu ninguém, isto é, não pegassem no pesado. Segundo Freyre, esses tipos passavam o dia na rede tomando aguardente, peidando e fornicando com as mucamas. Peço vênia também para não conferir se foi exatamente assim que o sociólogo escreveu. Mas a crônica é minha e Freyre aqui também é um ser literário. Aposto como você amou as brincadeiras narrativas desse texto. Já você odiou. Faz mal não. Eu também odiei e ainda odeio os motivos pelos quais fiz essa charge. Mas gostei muito do arranjo gráfico, do fundo de inspiração futurista, da simulação de brilho no capô do carro, da expressividade da cara de safado do homem mais gordo, e da denúncia da opressão e miséria quanto ao sujeito descalço.

Eu também odiei e ainda odeio os motivos pelos quais fiz essa charge. Mas gostei muito do arranjo gráfico

Charge publicada em 11 de setembro de 1983

Deus é humor

Muitos já terão esquecido mas Maciel, o Marco, era o poder. Além de ter sido o governador biônico por Pernambuco, era era um dos cotados para presidir o Brasil, como sucessor oficial do governo militar que entregava o quepe. Esta charge foi possível pelo meu conhecimento das histórias bíblicas, afinal foram duas décadas frequentando as escolas dominicais das igrejas batistas do Cordeiro, de San Martin, de Camaragibe – onde meu pai foi pastor e da Capunga. Como tornei-me um herege por questionar a lógica dos dogmas e das histórias que prescindem de atos de fé, entrego-me sem culpa às intertextualidades com as escrituras. Entendo por que a igreja – vide *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco – sempre teve dificuldade em lidar com o risível. A maior bobagem nessa linha é o aforismo de que Jesus nunca riu. Nem quando tomou o vinho que ele transformou da água? Nem quando ressuscitou? Nem quando encontrava seus amigos? Nem quando Maria Madalena sorria para ele? Nem quando fez o coxo andar? Nem quando ascendeu aos céus e foi recebido pelo pai dele, mais conhecido como Deus? Não creio nisso. Também, uma descrença a mais ou a menos não faz mais diferença pra mim. A Bíblia diz que "Deus é amor". Como Deus é o poder máximo, a única coisa que destrona o poder é o humor. Então, se Deus é o máximo, diria que "Deus é Humor". E sei que Deus me respeita, compreende e aceita por eu ser e estar assim. Afinal, ele sabe tudo. E se tem uma coisa de que ele não precisa é de gente cantando, orando, gritando ou gastando em nome dele. Se não, ele não seria Deus. Aliás, ele deve estar muito aborrecido ou entediado com esse negócio de seitas e religiões que não fazem outra coisa a não ser acusar, apontar culpados e eliminar fisicamente a concorrência. Tá tudo escrito. Pra encerrar essa digressão, não sou um pecador. Sou uma pessoa. E pense numa pessoa metida! Fiquei assim desde que soube que Deus criou o homem (e ponho nessa conta também a mulher) à sua imagem e semelhança. Ah, a charge! Marco Maciel tentando seduzir um desconfiado Figueiredo, com a maçã do amor. Ou seria do pecado da presidência? Mas o pecado foi maior: deu Maluf, que perdeu pra Tancredo, que não ficou entre nós, que deu lugar a Sarney. Este, no final do mandato, eu definia por um nome: pusilânime. Um dia fui consultar o dicionário. Era mesmo.

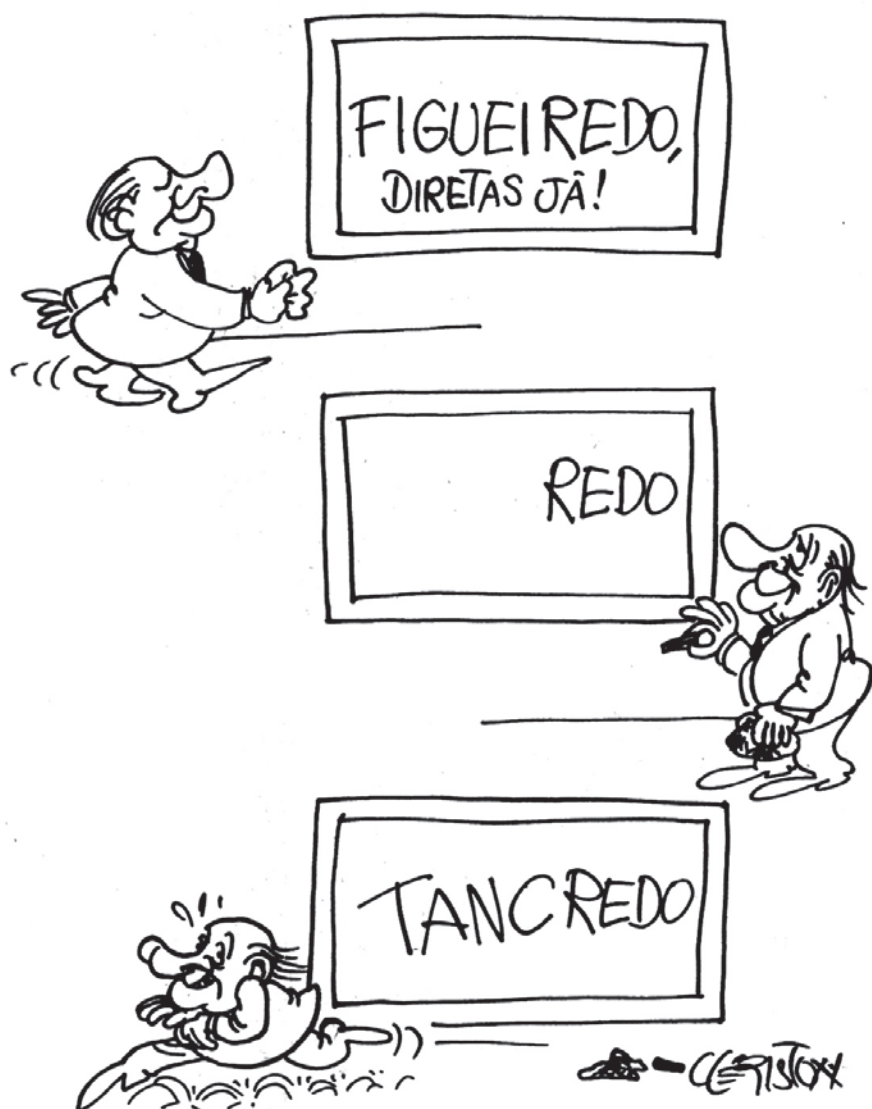
Entendo por que a igreja – vide *O Nome da Rosa*, de Eco – sempre teve dificuldade em lidar com o risível

Charge publicada em 21 de setembro de 1983

1984

Cravei Tancredo um anos antes

Tudo conspirava a favor de Tancredo Neves. O homem nasceu pra negociar, sem pegar a pecha de "toma lá dá cá". Negociar no bom sentido da palavra, fator essencial para um político. Não era um dos pilares da esquerda. Tanto é que foi fundador do PP, após ter saído do MDB, tendo retornado ao PMDB. O que importa é que era uma figura aglutinadora. Os políticos gostam dessa palavra, sabe, Tancredo tinha capilaridade. Pra facilitar, eliminadas outras possibilidades, seu oponente foi Paulo Salim Maluf, aquele que nunca reconheceu somas no exterior nem mesmo sua assinatura em documentos comprometedores, comparado por repórteres com a do recibo do imposto de renda. Ouvi o que ele dizia por meio da TV: "Não reconheço", com aquele erre pronunciado. Não lembro de nenhuma charge virulenta contra Tancredo. Acho que aquela cara de mineiro esperto, mas honesto, ajudava. Já Maluf era para nós chargistas a personificação do roubo, da propina, do cinismo, o que fazia com que o desfecho pós-ditadura fosse ainda mais melancólico, já que ele era o candidato oficial. Geisel, o penúltimo general a se revezar na presidência, teria declarado sua preferência por Tancredo. Até porque a escolha por Maluf foi uma decisão interna, do PDS. Detalhe: Maluf, antes, queria que Sílvio Frota, um general linha dura comandante do II Exército, fosse o presidente, e não Geisel. Quanto ao título dessa crônica, não tinha pra ninguém. Tancredo venceu por 480 votos a 180, no Colégio Eleitoral, numa eleição indireta, ainda. Sobre a charge, amei a sacada com o sufixo "redo". Não vou negar, que nem Pedro.

Já Maluf era a personificação do roubo, do cinismo, o que fazia com que o pós-ditadura fosse mais melancólico

Charge publicada em 11 de maio de 1984

Deuses de carne, osso e empáfia

Em 1999 fiz uma charge em que o Papa João Paulo II cochichava no ouvido de FHC:
- Está na hora do povo invadir a casa do Senhor!
- Estão tentando, mas eu chamei a polícia...
Naturalmente, o santo padre se referia ao Senhor Deus, enquanto Fernando Henrique Cardoso entendia que era da casa dele que o Papa falava. Na ocasião, o MST havia invadido (para os coxinhas) ou ocupado (para os mortadelas) uma propriedade sua em Buriti (MG). Eles exigiam a liberação de créditos para o plantio. Ocultamente, eu pretendia brincar com a piada dos meios acadêmicos, onde há os PHD. Diziam que Fernando se achava um PHDeus. Mas, 16 aos antes, na época das Diretas já, outro político, na charge ao lado, Tancredo Neves, também fez essa pequena confusão entre o ser supremo e ele mesmo. No caso de Tancredo, ele não esconde a modéstia, fazendo salamaleques: "É muita bondade de sua parte, eu não cheguei a dizer isso", como se o Mestre, já que estão falando de um, só pudesse ser uma referência ao próprio. Mas FHC ganha. Não que Tancredo não se achasse, mas não dava pinta. FHC arrota empáfia. Se o distinto leitor está perguntando: e em Lula, não vai nada? Vai. No meu filme, Lula não seria Deus ou o Metre. Seria Baco ou Dionísio. Bem mais apropriado.

Mas FHC ganha. Não que Tancredo não se achasse, mas não dava pinta. FHC arrota empáfia

Charge publicada em 8 de maio de 1984

Ditadura, diretas, indiretas, deu Sarney

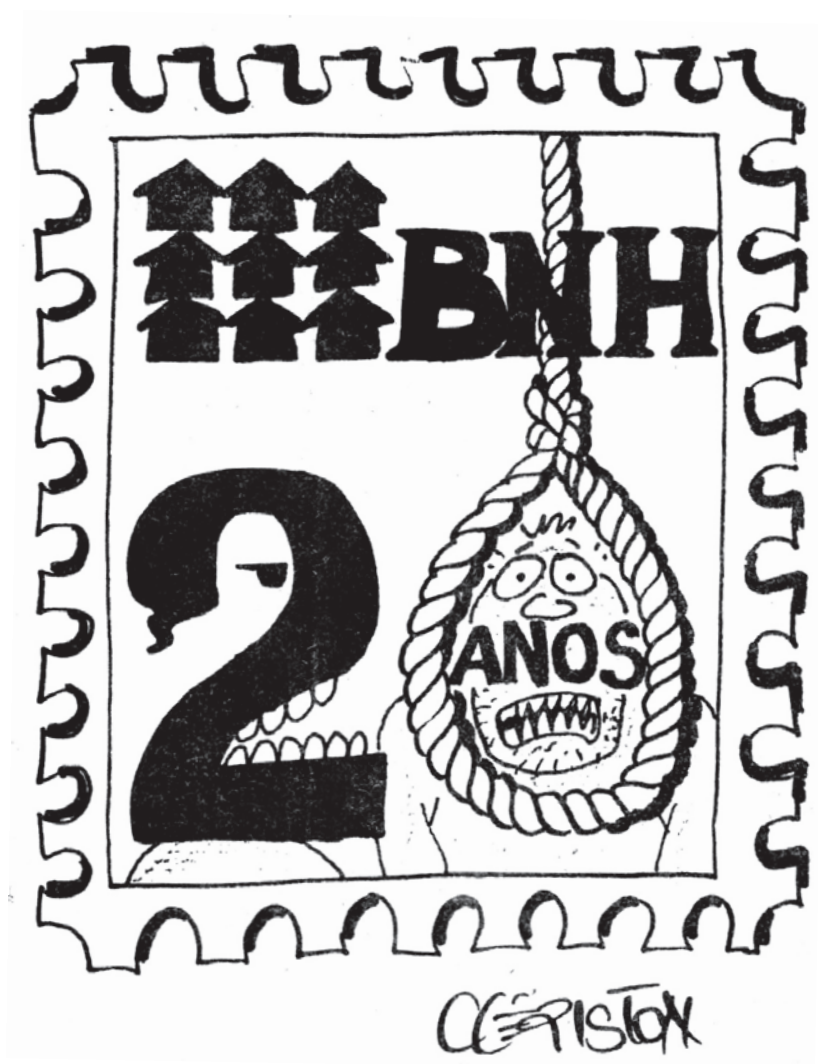
Como superar os políticos em sua bizarrice? Após mais de 20 anos sem eleições, com um Congresso em que os militares haviam dito: "Você é situação, Arena; e você, oposição, MDB", o que esperar? Eram os militares que legislavam. Os Atos Institucionais não me deixam mentir. De repente, entra em ebulição a campanha pelas eleições diretas, que são barradas pelos parlamentares fiéis ao governo, acostumados a serem assentados em governos e prefeituras sem voto. O Jornal da Tarde, no dia 26 de abril, publicou uma capa em que não havia textos nem foto, só a tinta preta, chapada. Essa era a informação. As Diretas foram rejeitadas no Congresso. Então, pelas vias indiretas, um civil iria suceder os generais. Naqueles anos, os políticos – pelo menos os da oposição – não eram vistos como hoje. Nós, os que combatíamos a ditadura, estávamos com eles nas passeatas, comícios e outros atos públicos; nas festividades do calendário e em comemorações da vida social; do mesmo modo, eles estavam presentes em nossos lançamentos de livros, jornais, em nossos shows e peças teatrais. Em 1978, na campanha para o Senado, fiz uma charge em que um sujeito perguntava: "Tu não estavas carregando Nilo (Coelho), como é que agora estás carregando Jarbas?" Aí o outro respondia: "Mas Jarbas eu carreguei de graça". Isso não teria a menor graça hoje, mas, naqueles tempos, além de verdadeiro – porque sou testemunha –, era uma acusação ao uso da máquina e da compra de votos pela situação. Ainda bem que a educação política, pelas sucessivas eleições, mudou esse perfil. Seis anos depois, em 1984, fiz essa charge, ao ver fotos de Tancredo ao lado de Sarney, que era seu vice. Por conta de Maluf, apoiadores da ditadura, como Aureliano Chaves, Roberto Magalhães e outras figuras do chamado "centrão" e de dissidentes do PDS – que fundaram o PFL – ficaram com Tancredo. Pra mim era como se a inhaca da ditadura, ou seu lado menos perverso, ganhasse sobrevida junto aos que queriam democracia mesmo. E tinha Lula querendo criar um anticandidato pelas eleições diretas pra fazer frente ao acordão da oposição. Daqui do Recife, Jarbas dizia que não iria ao Colégio Eleitoral, e não foi. Foi uma meia vitória derrotar Maluf e o Planalto, mas o que viria – piorado com a morte de Tancredo – seria um País comandado por Sarney, mais para latifundiário que para lavrador. Era tudo muito surreal.

Era como se a inhaca da ditadura, ou seu lado menos perverso, ganhasse sobrevida junto aos que queriam democracia

Charge publicada em 15 de agosto de 1984

Vinte e um tons de cinza

Você sai da ditadura, mas a ditadura não sai de você. Não há o que fazer. Tinha 31 anos quando publiquei essa charge. Minha geração e as próximas de minha idade estão irremediavelmente afetadas pelos anos com 21 tons de cinza. Cinza tristeza, preto luto e vermelho sangue, não necessariamente nessa ordem. Formei-me em jornalismo pela UNICAP. Mais ou menos na época dessa charge, cursei uma disciplina chamada Estudo de Problemas Brasileiros. A primeira prova pedia que dissertássemos sobre o BNH. Eu não tinha o material que a professora deu como fonte, mas danei-me a escrever tudo o que eu sabia sobre o Banco Nacional de Habitação. Entre outras coisas, afirmei que o Sistema havia sido criado com o objetivo de absorver mão de obra e diminuir a tensão das ruas, diminuindo o desemprego. Também critiquei a soma final que se pagava. Cheguei pra aula seguinte e os colegas disseram que a professora leu minha prova, ou trechos, e que havia metido o pau. A nota havia sido cinco ou cinco e meio. E finalizou dizendo que o texto estaria muito bom pra sair em jornal, mas não pra disciplina. Como o curso era de jornalismo, sorri satisfeito com a crítica negativa que, pra mim, foi positiva. Bem, ela queria mesmo era que eu falasse bem do governo. Dizem que era reaça, o que explica tudo. Na charge, para criticar o prazo extenso e os juros, fiz uma citação gráfica ao dito popular do cidadão enforcado em mil prestações; de quebra, ladeado pelo verdugo que executaria a pena. Estava marcada no selo minha alusão aos 20 anos de ditadura. Inclusive pelos ícones da tortura.

Cheguei pra aula seguinte e os colegas disseram que a professora leu minha prova, ou trechos, e que havia metido o pau

Charge publicada em 21 de agosto de 1984

O paradoxo do capitalismo

Não há o que esconder. Trata-se de uma charge de inspiração marxista, demonstrando a mais-valia de forma contundente. Como assim, eu jamais havia lido Karl Marx! Elementar, caro Watson, Marx também não havia lido Marx quando escreveu *O Capital*. Na charge, há o artifício da hiperbolização, quando exageramos a face grotesca da exploração, juntando numa só figura a opulência no corpanzil do empregador, e o cadavérico no do trabalhador. O negócio era mostrar a contradição e o paradoxo do capitalismo: remunera-se mal para engordar o lucro, enquanto, ao mesmo tempo, os assalariados precisariam de mais recursos para comprar os produtos dos patrões para que estes prosperem. Leitor contumaz de quadrinhos na infância, odiava a avareza do Tio Patinhas, e refletia sobre o que era justiça, o que era ser rico. Talvez isso tenha me prejudicado. Tenho dificuldade em ganhar dinheiro, agir em prol do dinheiro. Não é saudável, na lógica burguesa, unir, fazer o que quer, o que gosta, o que dá prazer existencial e, ao mesmo, ser bem remunerado por isso. Não sou exatamente mal remunerado, mas já sei que não darei o pulo do gato. A não ser por sorte. Mas aí já falamos em jogos de azar. Também odiava quando Donald era demitido a pontapés. Não entendia por que os sobrinhos Zezinho, Luizinho e Huguinho só praticavam alguma ação boa ou útil em troca de recompensa. Só quando universitário, li a esse respeito com clareza, no livro de Dorfman e Mattelart *Para Ler o Pato Donald*, considerado por alguns um "panfleto" contra a ideologia norte-americana e a difusão de sua cultura e modos de consumo. Mas foi nas histórias em quadrinhos – mais que em livros didáticos – que aprendi geografia, história, noções de ciência, e percebi que os americanos tinham uma relação bisonha com armas de fogo. Ah, se você indicar esse livro pra muita gente, pode ser que eu chegue lá. Afinal, dizem que o empreendedor pode ser feliz por realizar sonhos e ganhar dinheiro.

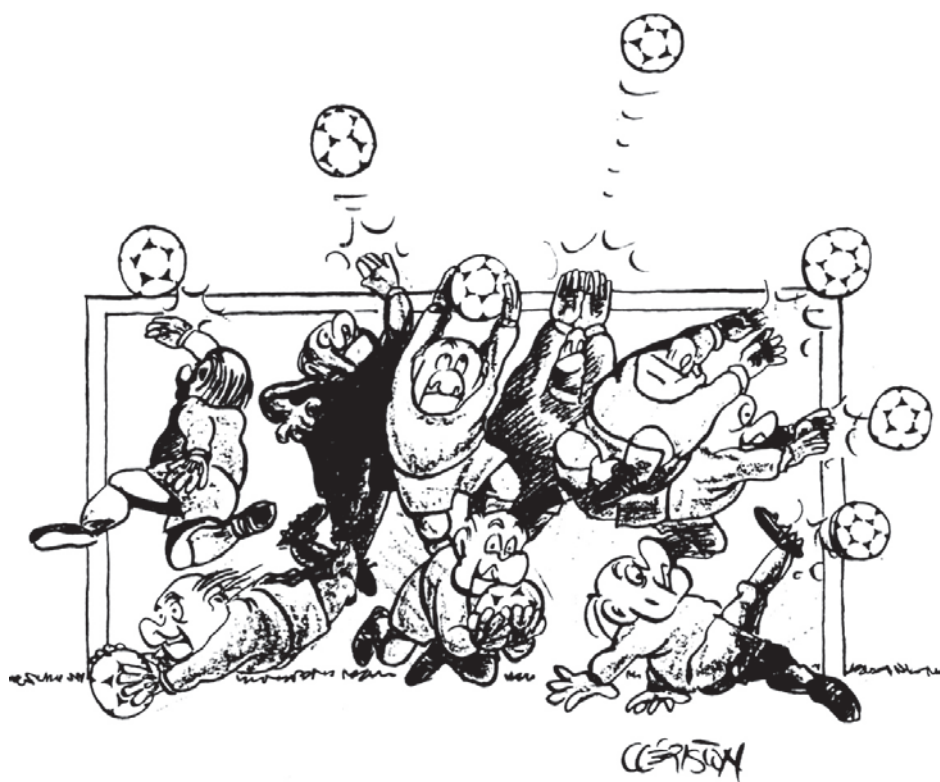
> Na infância, eu odiava a avareza do Tio Patinhas e refletia sobre o que era justiça, o que era ser rico

Charge publicada em 13 de setembro de 1984

1985

Tancredo, militares e normalidades

Tancredo jogava em todas, o homem era polivalente. Apesar de minha má vontade com a tal Aliança Democrática, a alternativa Paulo Maluf presidente era o inferno sem rodeios. A figura de Tancredo cativava pela simpatia, ele tinha lá um jeito de vozão. Calmo e ponderado, contrastava, sobremaneira, com as figuras saídas da caserna para usurpar o governo. Além disso era baixinho, parecia frágil, mas era ao mesmo tempo firme, decidido. Tinha controle sobre a encenação de sua figura. A bola da vez na presidência seria Ulysses Guimarães, mas o doutor não empolgava as massas nem tinha o jogo de cintura do mineiro. Imaginei: e se Tancredo fosse um militar, seria casca grossa, carrancudo? Não é assim que funciona. Eu e minha turma de 1972, da arma de engenharia do CPOR, conhecemos muita gente bacana, pra usar uma palavrinha daqueles idos. Citaria o Capitão Lopes, o Sargento Péricles – uma figuraça que ao sair da caserna virou dentista; e tinha o Tenente Telmo, sujeito calmo, que se recusara a prestar continência a um capitão repressor, só pra ficar nesses. Em Natal, também conheci profissionais de muito boa índole, no 7º Batalhão de Engenharia de Combate. Montamos pontes de ferro e participamos de um exercício de guerrilha perto de Caicó, como se fosse em um filme. Nada de ligação com o Brasil real, embora ouvíssemos falar no "inimigo". Éramos nove estudantes do Recife no estágio de instrução e ninguém especulava sobre o tema "ditadura", nem ao voltar pra passar o fim de semana no Recife, no fusca do aspirante Setembrino, que morava em Boa Viagem. Falávamos sobre namoradas, presepadas na caserna e trivialidades. Não era medo nem precaução. Havia uma falta total de nexo com o que estava havendo no País. Quando ficamos de prontidão por causa de um Opala que teria passado umas três vezes pelo portão da frente do quartel, achávamos que era neura deles. Tínhamos 19 anos, sabíamos que o presidente era um general, algo nada estranho na América Latina. Aprendi a odiar o regime de exceção, mas não aos militares, por serem militares, talvez por não ter conhecido os Bolsonaros. Havia umas figuras ruins, mas essas eram mal faladas e socialmente isoladas. Bem depois é que fomos montando o quebra cabeças informação a informação. Por isso, este livro está sendo escrito, para que não fiquemos alienados, achando que o anormal é normal. Um sujeito sem sua terra no Brasil não é algo natural, é uma agressão histórica.

Não era medo nem precaução. Havia uma falta total de nexo com o que estava havendo no País

Charge publicada em 12 de janeiro de 1985

A utopia do desapego

Aqui temos a figura do escárnio. O adesismo é uma praga que revela o caráter fisiológico da atuação de muitos candidatos a políticos e dos próprios eleitos. Lembrando que eles não são de marte – são de nossas famílias, são nossos amigos, conhecidos ou alguém de quem ouvimos falar. Esse tipo retratado na charge é a delícia do Poder Executivo. Através de gente como ele, aprovam-se leis e projetos sem resistência ou crítica. De vez em quando, ouço dos gestores que as críticas da oposição serão bem-vindas, desde que estejam de acordo com o programa. Por sua vez, grupos derrotados dizem que irão fazer uma oposição responsável. Mas os fatos desdizem as belas falas, mostrando que nas práticas agem para si mesmos, para seus financiadores de campanha, para familiares e amigos. Até quando acontecem revoluções legítimas, uma casta dirigente é quem acaba se locupletando, perpetuando-se e dando as cartas. Claro, em nome do povo. Do mesmo modo que os Cruzados queimaram cidades em nome de Deus ou foram mortos pelo Deus dos outros, gostaria de ver a realização de uma política do desapego, do desinteresse. Gostaria que esse livro servisse ao menos para boas reflexões sobre educação política. Fazer o quê, tornei-me professor por vocação, culpa do radialista e professor Carlos Benevides, que me jogou nessa vida. E o agradeço por isso. Até hoje sei o nome de meus primeiros alunos de jornalismo. Eram turmas pequenas, à tarde, tornando o ambiente bem produtivo. Rosângela, Sibele, Tiné, Betânia, Fernando Lima, Antígona (in memoriam), Patrícia, olha a chamada! Entrei na UNICAP em 1989 e nem professor nem alunos haviam votado pra presidente de seu próprio País. A ditadura já havia ido, mas ainda fazia sombra.

Nas práticas, políticos agem para si mesmos, para seus financiadores de campanha, para familiares e amigos

Charge publicada em 1 de março de 1985

De seres abjetos a objeto de alianças

Pois é, esperar tanto tempo pelo retorno dos civis e ouvir esses nomes era de lascar. A gente queria sair do regime, mas ele dura! Nunca fui radical, ou intolerante, caso possa inferir quem começa o livro por essa charge e sua crônica. Mas até nome de rua ligado à ditadura era um incômodo. Quando olhamos o "Estádio Emílio Garrastazu Médici", vemos o nome de um impostor homenageado, pois não há legitimidade em sua ocupação da presidência da República. Qualquer general merece ser enaltecido e festejado por seus feitos, como o Marechal Rondon. Indicaria o nome em algum logradouro do militar de qualquer patente que comandou a construção das estradas e de seu asfalto na Paraíba e Rio Grande do Norte. Pense numa beleza que passou anos sem um buraco! Dos responsáveis pelos anos de ditadura, sejam militares ou civis, custei a perdoar. Mas a recíproca era verdadeira. Um estudante com um livro de Gramsci poderia ser preso, acusado de subversão ao regime e torturado. Então, eram eles lá, e nós cá. Demorou até eu enxergar o ex-governador Marco Maciel como uma pessoa, digamos, do bem. Em minha pequena participação no movimento estudantil na Unicap, vi um documento escrito, defendendo a reforma agrária, assinado por Marco Maciel, quando foi estudante. Todos ficaram estupefatos, na rodinha de membros do diretório acadêmico, sentados no chão do estacionamento. Marco Maciel era do PDS, mas foi dissidente, junto com Roberto Magalhães, para que o projeto Tancredo se viabilizasse. Eu tinha abuso da figura de Antonio Carlos Magalhães, por ser um conservador de direita, mas ao menos ficou contra Maluf. Dornelles era sobrinho de Tancredo, formado em Harvard e era do PP. Aos olhos de hoje, eu seria radical, sim. Não tinha simpatia nem pela ala moderada do MDB/PMDB, que dirá pelos caras do PP, ou do PDS, sucedâneo da ARENA. O PT expulsou do partido os deputados que participaram do Colégio Eleitoral que elegeu Tancredo em 1985. Quem te viu, quem te foi vendo. Os partidos não são animais, mas têm espírito de sobrevivência. Alguns se contentam com migalhas e ficam lá pelo baixo clero mendigando a liberação de emendas para suas bases. O PT, que na época não sentaria à mesa com os nomes citados na charge, percebeu que, para ver sua estrela brilhar, teria que se dobrar às evidências do cotidiano e fazer as alianças necessárias para chegar ao poder. Mas gostou tanto que passou da conta.

Vi um documento escrito, defendendo a reforma agrária, assinado por Marco Maciel, quando foi estudante

Charge publicada em 12 de março de 1985

Merdas já!

Diverticulite, a palavra mais pronunciada na mídia noticiosa, não era nada engraçada. Tirou a vida do ex-futuro primeiro presidente civil pós-ditadura. A charge ainda revela a esperança do autor na reversão do quadro, visto que a professora – representando a voz dos brasileiros – desafia o quase-presidente a realizar as mudanças. Quais seriam elas? As mesmas de ontem, de hoje e, pelo visto, de amanhã, pois são endêmicas ou ideológicas. Ao fundo da sala, o imediatamente-ex-presidente Figueiredo está de castigo, por ter passado 21 anos sem resolver os problemas do quadro, nem as tarefas de casa. Por outro lado, a expressão facial e corporal de Tancredo, evidenciavam sua dor e, pelas estrelas que emanam de seu ventre, desconfiava que o desfecho poderia não ser o esperado. A torcida era tão grande para que o intestino do mineiro eleito funcionasse, que tal notícia era acompanhada a cada boletim médico. Infelizmente, tivemos o anúncio do óbito. Enquanto Tancredo estava no hospital, ganhei o prêmio de primeiro lugar na categoria charge, no Salão de Humor de Maceió. Acho que no júri estavam Ziraldo, Paulo e Chico Caruso, Laílson, Lapí e Borjalo. A charge mostrava em primeiro plano Tancredo deitado no leito hospitalar, olhando pela janela, de onde dava pra ver uma multidão torcendo por sua recuperação, ostentando uma enorme faixa em que se lia "Merdas já!". Obviamente que fazia uma alusão às "Diretas já!" e, apesar de ser irreverente e ousada, a comissão deve ter entendido como de extrema franqueza. Havia toda uma torcida brasileira para que isso ocorresse, o que seria um sinal de sua recuperação. Enquanto isso, José Sarney, que servira aos militares ou vice-versa, e migrara do PDS para o PMDB, assumia o cargo interinamente. Li numa entrevista com Fernando Lyra que ele cumpriu todos os compromissos de campanha. E ainda tinha Ulysses Guimarães, que queria ser presidente, dando umas cartinhas.

A torcida era tão grande para que o intestino do mineiro eleito funcionasse, que tal notícia

Charge publicada em 15 de março de 1985

A charge e a ópera bufa

Ainda hoje me sinto como o cidadão aí na charge. Merecíamos coisa melhor, após tanto tempo. Mas, como depois da queda, tem coice, tivemos Collor. E antes de FHC, Itamar, que parecia uma figura do Zorra Total, aquele pastelão dos sábados à noite, que a Globo tenta repaginar. É muito chato assumir que somos uma república de bananas. Após as dezenas de pacotes econômicos da era Geisel-Figueiredo, tivemos o Plano Cruzado e os fiscais do Sarney. Estes fecharam supermercados e mercearias, em nome do presidente da "nova república". Tempos loucos na remarcação de preços, quando escutávamos da rua, madrugada adentro, as maquininhas etiquetando. Chegamos ao ponto de correr à outra ponta da gôndola para pegar o produto, antes que o funcionário pusesse um novo preço. Eles não tinham tempo nem de retirar o antigo, colavam um sobre os outros. Depois tivemos um boy brincando de presidente. Juntou-se com uma maluca que um belo dia resolveu, de susto, sequestrar a poupança dos brasileiros. Após o impeachment do imperador das Alagoas, seu vice Itamar Franco parecia mais preocupado em ajeitar seu topete e em bolinar modelos nos palanques carnavalescos. Lembram daquela que esqueceu de pôr a calcinha? Pois é, a saída da ditadura não foi nada triunfal. Nosso Congresso, vira e mexe, transforma-se em uma ópera bufa, como na recente admissibilidade de impeachment da presidente Dilma, com um festival de asneiras ditas por deputados na declaração de seu voto. Tivemos louvação à família, evocação de Deus, homenagem a torturadores seguida de cusparadas na cara, e até uma deputada que enalteceu o combate à corrupção e a figura do marido, um prefeito exemplar, preso no dia seguinte pela Polícia Federal por desvio de verba da prefeitura. Tem hora que o humor é mais sério que esse País.

> Chegamos ao ponto de correr à outra ponta da gôndola para pegar o produto, antes que pusessem novo preço

Charge publicada em 26 de abril de 1985

Que as redes sociais nos salvem da omissão

Comecei a participar das campanhas políticas em 1978. As partir daí, e em várias outras eleições, junto a dezenas de pessoas, pintei muros e paredes, panfletei e usei broches. Jarbas Vasconcelos, Marcos Freire, Roberto Freire, Byron Sarinho, Cristina Tavares, Hugo Martins, Miguel Arraes e Nelson Borges foram alguns que receberam algum tipo de colaboração minha. Acho que Nelson Borges foi o último. A partir daí, as campanhas tornaram-se profissionais, funcionando mais como grupos de interesse, com algum sabor ideológico. As palavras tornaram-se vazias. É hora da mudança! Mas como, se o candidato é de situação? Os comícios cívicos passaram a showmícios, e bombava quem tivesse grana pra colocar no palanque o "Safadão" do momento. Então proíbiram artistas no palco. Hoje, está cada vez mais difícil fazer imagens de político e povo. Perderam-se as causas? Os líderes comunitários e grupos de profissionais liberais foram sendo substituídos por estruturas de comunicadores, marqueteiros, pesquisadores e alguns gurus. Mais os carregadores de bandeiras remunerados. Ficou esquisito você trabalhar num comitê, com o cara do lado fazendo um pé de meia. Nos anos 1980, saímos de casa em busca de material como cartazes, santinhos e bandeiras nos comitês. Hoje, eles são distribuídos na rua e se balança o dedo pro adesivo como se faz com o flanelinha. Lembro quando terminou a eleição que elegeu Arraes, em 1986. A cidade fervilhava de gente querendo fazer alguma coisa. Pensou-se que viria um MCP ampliado, mas as lideranças sumiram e houve uma dispersão natural. Ainda tivemos campanhas boas, mas a participação popular, com assento nas decisões, foi minguando. Acho que o povo passou a ser um problema. No século XXI, a política transformou-se de vez em um comércio de interesses de parte a parte, paralelo ao mercado da fé. Há uma proliferação de igrejas e programas de TV com pastores espalmando as mãos na testa de enfermos ou prometendo uma Hilux na garagem. Essa luta ensandecida pra "tirar Dilma", não é pra consertar o País. Os idealizadores do "Tchau, querida", querem o "venham, queridos". Para usar os apelidos da hora: saem os milhares de mortadelas, entram os coxinhas em seus lugares comissionados. Gostaria de estar sendo leviano, mas ainda tenho uma suspeita de que a troca de comando e de cargos tem a ver com avanços sociais ou retrocessos. A conferir.

Acho que o povo passou a ser um problema. No século XXI, a política transformou-se de vez em um comércio

Charge publicada em 5 de maio de 1985

Aos trabalhadores, a explicação

É interessante como o trabalhador se dá mal na alegria e na tristeza; na democracia e na ditadura. Os militares, com a força que tiveram pra prender estudantes, operários, artistas e intelectuais, bem que poderiam ter feito uma gloriosa reforma agrária. Só que não. Muitos líderes camponeses também pagaram com a vida. Organizar uma categoria para reivindicar melhores condições de moradia, alimentação e trabalho era sinônimo de ser agitador. Até jogador de futebol que dá entrevista cobrando salários atrasados é acusado por parte dos radialistas esportivos de gostarem de confusão em vez de "jogar bola". Aos donos do capital, tudo. Aos que têm a força de trabalho para fazer o capital andar, o sofrimento. Uma comparação mínima: o fabuloso lucro dos bancos, comparados aos reajustes negociados com o trabalhador, que, se não ameaçar cruzar os braços, não consegue que o percentual acompanhe nem os índices de inflação. A charge ao lado revela essa contradição. Enquanto o trabalhador está em pânico com a inflação prestes a estourar, no fundo da cena, o encasacado de cartola tem no guarda-sol o símbolo da proteção financeira do seu negócio. Embora seu rosto, pela distância, esteja minúsculo, dá pra ver francamente que está risonho, pelos bigodes em elevação nas extremidades. Já seu pé esquerdo está em uma posição de quem está tranquilo, tanto faz se estourar ou não. Cabe ao ministro Dornelles dar explicações ao trabalhador, enquanto faz sua ginástica financeira para manter as coisas sob controle, isto é, quem tem mais continua com mais ainda e quem está à perigo que assobie e chupe cana.

Uma comparação mínima: o fabuloso lucro dos bancos, comparados aos reajustes negociados com o trabalhador

Charge publicada em 13 de maio de 1985

1986

Todo regime autoritário é uma impostura

Acabávamos de sair de uma eleição indireta e tínhamos na presidência um oligarca que fazia parte do regime de exceção, pela ARENA. Convivi, alguns meses no jornal – e põe mês nisso – com o fantasma da volta dos militares. Quando eu perguntava: "Mas o que é que tem demais essa charge?", vinha a tal justificativa: "Mas a qualquer hora eles podem...". Acho que a charge era um teste. Sabe quando a pessoa não tem certeza se tá com febre e põe o termômetro, daí ela "lê" estado febril? Era assim que eu me sentia em 1986. Passados mais de 50 anos do golpe, em que tipo de democracia estamos? Cenário: homens espancam mulheres; há perseguição e assassínio de homossexuais; os índios são tradados como refugo da história e contam com paternalismo ou com o extermínio e invasão de suas terras; um parlamentar homenageia torturadores ao microfone na Câmara dos Deputados; os afrodescendentes não têm a mesma oportunidade dos considerados brancos no mercado de trabalho e da educação; então, não há como deitar em berço esplêndido. Essa charge se solidariza com a situação no Chile, onde a ditadura iria durar até 1990. Dia desses dei um google na ditadura chilena e a terceira foto mostra soldados queimando... livros, sempre eles! Quando eu era universitário, aqui em Pernambuco, já sentia que a simples menção "livro" já era ameaça à ditadura, ou a você mesmo. Quando se pronuncia "golpe", "ditadura", as imagens recorrentes são das forças que deveriam proteger o cidadão, correndo com fuzis e baionetas apontando para... estudantes. Ninguém combina. Como a ditadura em si é uma estupidez, ela não suporta o livro, o estudo, o pensamento. Mas não se engane. É muito fácil colocar todo o peso só no colo dos militares. Eles nunca fariam isso por si sós. São estimulados e respaldados pelos donos das terras, dos meios de produção, dos agiotas ou banqueiros, e dos guardiões das tradições familiares. Aliás, não sei o que esse povo guarda tanto, pois todos temos famílias e as amamos, protegemos, convivemos, sem ter a menor necessidade de fazer qualquer marcha. Toda a sorte de canalhas invoca sempre o nome de Deus, como escudo para acobertar privilégios e tirania. Eu, se fosse os militares, jamais entraria nessas roubadas, mesmo que fosse para garantir postulados ou normas de esquerda. Toda ditadura e totalitarismo é uma impostura, e esse livro é um manifesto contra isso em todas as suas formas de aparição.

Ninguém combina. Como a ditadura em si é uma estupidez, ela não suporta o livro, o estudo, o pensamento

Charge publicada em 2 de julho de 1986

Pai Arraia

Não tinha como não ser esse o título desta crônica. É emblemático, explica o mito, portanto o inexplicável, porque construído socialmente, dialogicamente, nas conjecturas que vão se delineando ao sabor dos ventos. Então, voltando aos tempos muito idos, de quando eu era menino, ouvia palavras como agitação. Arraes? Duvido. Gregório, aí é outro papo, porque era outra verve. Este não vi ao vivo, só em filmagens. Bom de gogó também. O que mais admiro na figura de Miguel Arraes de Alencar é seu ethos: a encenação de si mesmo ao dirigir-se ao outro. Arraes não precisava recorrer a cursos de oratória, nos quais ensina-se ao participante como entrar e sair de um recinto, a dirigir-se ao público, a falar ao microfone, a encarar a plateia, a gesticular. Mas há quem precise, basta ver na TV a repetição da pantomima de pastores. Os mais jovens copiando os Malafaias do credo. Os caras aprendem quando falar baixinho, que efeito isso causa, quando alterar a voz até as veias do pescoço saltarem, quando gritar e pular no púlpito ou no palanque para impressionar a plateia. E nesse quesito, Fernando Lyra era imbatível. Ele começava baixinho "é Jarbas", "é Jarbas" e ia aumentando o volume até incendiar a multidão. Antes, quando bradou "é Arraes", não tinha pra ninguém. Porém, não adianta o locutor gritar "Almeida" para o público. Não vai contagiar sequer um puxa-saco. Tudo depende do horizonte imediato, do contexto amplo e dos já ditos – a história compartilhada entre a audiência. Quando o pregador vocifera "Jesus!", o templo vai abaixo, e tome aleluia. Jesus não é Joelington. Mas Arraes era outro papo, seu ethos era presença! Sua firmeza ideológica, sua atuação em favor dos trabalhadores rurais, seu pensamento sobre o Brasil e os agentes financeiros internacionais, além do comportamento brioso diante de sua deposição pelas armas, formaram sua estampa. Olhe em volta e veja quantos políticos poderiam se impor em um recinto do mesmo modo que ele. Verdade que fez um último governo relativamente fraco. Dizem que não tinha verba. Foi perdendo o apoio que teve em 1986, quando todo mundo queria participar, mas não foram criados os canais para isso. Depois vi Jarbas e Lula conseguirem apoio parecido. Com o tempo, o modo de fazer política e suas campanhas afastaram de vez povo e políticos. Talvez isso explique o isolamento do Congresso Nacional. Mas Arraes fica vivo e forte na mente do pernambucano. Seu governo passou, mas a história fica. E nela, ele vai bem.

Arraes era outro papo, era presença! Sua firmeza ideológica, sua atuação em favor dos trabalhadores rurais

Charge publicada em 17 de agosto de 1986

Contraste ético em lugar da miséria

O mundo, o Brasil, Pernambuco, as cidades são lugares de contrastes. A beleza e o interessante no mundo está exatamente nos contrastes. É um dos fundamentos do design, das artes, da música, da vida. Mas nem todo contraste é bom ou interessante. E um desses é quanto ao justo, ao socialmente ético. No discurso das chamadas elites, encontra-se a ideia de que a pobreza está associada à preguiça, donde se pode deduzir que, ao trabalhar muito, alguém será rico. Mentira. Pode ser uma possibilidade, não uma consequência. Mas alguém pode ser rico sem trabalhar. Imaginemos uma comunidade primitiva. Aí, sim, alguém ficou rico porque trabalhou mais, arou a terra, caçou animais, juntou couro. Mas, outro alguém é mais forte, ou tem outra compreensão da ética, daí juntou algumas pessoas e tomaram tudo dos que caçaram, trabalharam e acumularam. Não estamos mais no início da civilização. Um negro que ganhou sua alforria, ao sair da propriedade em que esteve cativo, fatalmente só pode pisar em outra propriedade ou em terras do Estado. Na véspera dessa charge, passei de carro pela frente do Palácio do Campo das Princesas, onde ficam os governadores de Pernambuco. Na praça em sua frente, havia um acampamento dos sem-terra. Então, coloquei uma placa indicativa de lugar: Palácio do Agricultor. Outro fator de ironia: Miguel Arraes era o governador do Estado, justo ele, que foi deposto e considerado subversivo por ajudar o homem do campo. Para as elites, isso é agitar o trabalhador rural. Daí vem o termo "conservadores": não é pra agitar nada nem ninguém. É pra ficar tudo como está: "eu rico e você pobre". O raciocínio é estúpido: se você ficou mais rico, eu, obviamente, fiquei mais pobre. Pois as riquezas de um País são finitas, há um número para seu valor. Por isso me cerco de capangas para conservar meu ouro. Mas há quem veja o mercado como uma entidade dinâmica, dialógica, multiforme, em que a sua riqueza progressiva pode implicar também na minha, pois tenho algo para vender e é preciso alguém para comprar. Então seria interessante progredirmos todos. E vivamos outros tipos de contrastes, como o design das casas, as cores das roupas, os modelos empreendedores. Só não havia contraste no Eden mítico, com Adão e Eva absolutamente nus, interagindo com a natureza. Mas aí apareceu a serpente, e o resto vocês já sabem.

Daí vem o termo "conservadores": não é pra agitar nada nem ninguém. É pra ficar tudo como está

Charge publicada em 24 de agosto de 1986

O povo precisa assumir o protagonismo

Tenho apreço por charges em que o interlocutor do protagonista é também o próprio leitor. Então somos o outro a quem o sujeito da ação se dirige e, ao mesmo tempo, somos o leitor da charge em sua completude, que engloba todos esses elementos. Teoria à parte, vejo uma dupla leitura. Na primeira, o candidato constrangido pelo que é, pelo que faz, pelo que pensa, pela sua atuação, pedindo licença, permissão, desculpas ao (e)leitor para falar em seu nome. Os elementos discursivos que indicam esses efeitos de sentidos são os olhos, a sobrancelha e os pingos. A segunda é a que mais ressalta ao olhar: o candidato, metaforicamente, usando o povo em seu discurso, a fim de "seduzi-lo para que digite seu número na cabine de votação". Este último revelaria a falsidade da maioria dos políticos, que lembram do povo apenas durante a campanha, depois o esquecem. Ah, senhor chargista, 21 anos sem eleições diretas pra presidente, e você vem demonizar um político da sociedade civil? Lamentavelmente, sim. A gente tem esperança de que o quadro mude. Desde 1974, 1978, 1982 temos eleições para deputado e senador e o comportamento foi revelador. Mas, com pressão popular, as promessas saem do papel. Me ocorre uma terceira interpretação ou sentido: deve-se lavar a boca antes de usar o nome do povo na campanha eleitoral, e sempre. Todo o poder emana do povo e em seu nome será exercido. Quando as pessoas forem eleitas porque as outras pessoas querem, e não pela troca de favores, as cidades, o Estado e a República terão jeito, pois haverá compromisso. E de quebra, não haverá golpe, pois as condições de sua aparição serão nulas ou debeladas.

Deve-se lavar a boca antes de usar o nome do povo na campanha eleitoral, e sempre

Charge publicada em 30 de setembro de 1986

Fechando a tampa do caixão

Perdão pelo título dramático, mas é minha homenagem ao encerramento de um regime autoritário, em que meia dúzia de pessoas mandam prender e arrebentar. Se não dizem que não mandam, seus seguidores, cúmplices e amestrados o fazem por dentro e, principalmente, por fora da Lei. Ainda estava enraizada a ideia de que a qualquer hora a ditadura poderia voltar. Mas tomei a liberdade de dar por encerrado o regime. O percurso risível do governo Figueiredo me deu essa certeza. O golpe militar dado em 1964, com apoio ou o silêncio da maioria da chamada elite econômica brasileira, chegara ao fim. Durou cerca de 20 anos. Em 1986, já no governo Sarney de modorrenta memória, eu tinha 33 anos, e ficaria para sempre marcado pelo regime. O motivo deste livro foi de demonstrar que, apesar de não ter sido perseguido ou torturado fisicamente, que meu País tivesse tido outra atmosfera durante minha juventude. Assisti ao primeiro show do *Ave Sangria*, no Teatro Santa Izabel, e gostaria de ver o progresso da banda. Mas ela teve seu caminho cerceado por denúncias descabidas, como eram a maioria delas. Se posso dizer que houve um ganho pessoal, é o imenso valor à liberdade de expressão, ao direito de ir e vir, ao direito de experimentar, de errar, de ser, de escrever uma canção e não ter que pedir à polícia autorização para cantá-la na esquina. Esta charge fiz para o Salão de Humor de Piracicaba e fiquei feliz pelo fato do jornal *O Estado de São Paulo* tê-la escolhido para ilustrar a matéria sobre o Salão. Meses depois a publiquei no Diario e agora cumpre o papel da 64ª charge deste livro de registro e memórias. Além do desenho ter sido feito no capricho de várias horas, com nanquim e ecoline sobre papel schoeller, sem rasuras, ela é emblemática: registra o chefe da nação que deu sustentação internacional ao golpe de 64. Ronald Reagan, substituindo Stallone Cobra, espelho do cartaz do filme. Cito uma frase do então presidente dos EUA, capturada no site O Pensador: "Estamos caminhando para o socialismo, um sistema que, como se diz, só funciona no Céu, onde não precisam dele, e no Inferno, onde ele já existe". Ok, Mr. Reagan, a charge não é a cura, mas pode acordar uma mente acomodada. Grato a todos pela leitura.

sem rasuras, ela é emblemática: registra o chefe da nação que deu sustentação internacional ao golpe de 64.

Charge publicada em 1 de novembro de 1986

Que um regime autoritário jamais volte.
Nem disfarçado de Papai Noel vermelho, verde, roxo ou azul.
É com essas palavras que convido você a ser meu interlocutor,
caminhando pelas páginas deste livro,
MINHA VERDADE SOBRE A DITADURA EM 64 CHARGES.
Elas foram publicadas no Diario de Pernambuco entre 1976 e 1986,
logo após os "anos de chumbo", período em que a democracia
foi agredida e a vida social relativamente plena só foi restabelecida
num processo lento e gradual, como queria um de seus generais.
Cada charge está acompanhada de uma crônica recheada de memória,
emoção, informação, reflexão e crítica sobre o Brasil daqueles anos
e seus efeitos de sentidos na contemporaneidade.

Diario de Pernambuco

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-921218-0-8

Apoio

Incentivo

FUNDARPE

SECRETARIA DE CULTURA